

Já se tomaram muitas medidas para fazer que as árvores do individualismo democrático não subam até o céu... É totalmente ridículo ver qualquer ligação entre o alto capitalismo de hoje e a democracia ou liberdade... A questão é: como são possíveis a liberdade e a democracia, a longo prazo, sob o domínio de um capitalismo altamente desenvolvido? A liberdade e a democracia só são possíveis quando a vontade resoluta de uma nação – de não permitir que a governem como carneiros – surge prematuramente.

M. Weber (1982, p. 91)

[...] a vitória depende igualmente da plena utilização da reserva psicológica que existe no espírito humano ou na nação, da mobilização da capacidade de sacrifício, coragem, resignação e iniciativa.

Karl Mannheim (1967, p. 49)

IV Capítulo

A ÉTICA DA UNIDADE E O ESPÍRITO DA ECONOMIA DE COMUNHÃO. GINETTA CALLIARI E O PROJETO ECONOMIA DE COMUNHÃO NA LIBERDADE (EdC)¹

É clara e não casual a referência desse item ao trabalho de Weber *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. No entanto o título não pretende ser ambicioso mas, simplesmente, sugestivo. De fato, entre o protestantismo ascético e o capitalismo moderno Weber encontrava uma relação de sentido ficando longe de seus propósitos estabelecer com isso uma relação monocausal entre ambos. Weber, como amplamente já foi discutido no I Capítulo ao nosso trabalho, era avesso a qualquer teoria que pretendesse explicar o real através de determinações monocausais. É conhecido o seu pensamento, expresso n' *A Ética*

¹ A sigla *EdC* é a abreviação usada habitualmente em referência ao projeto.

protestante e o espírito do Capitalismo sobre a interpretação econômica da história. No caso específico estudado por ele, Weber (1999b, nota 5, p. 219) considera a influência exercida pelo desenvolvimento econômico sobre o destino da religião, como sendo um processo de mútua adequação porque “por outro lado – ele observa – essas idéias religiosas não podem, em si, serem deduzidas de circunstâncias econômicas [...] contendo leis de desenvolvimento e de coerção inteiramente suas”.

Diferente é o nosso caso, chamando a atenção para a relação mais explícita existente entre o modo de encarar e de viver as relações econômicas, que se originou a partir dos valores propostos pelo Movimento dos Focolares e o surgimento do projeto *EdC*.

1. O surgimento da *EdC* e o contexto social

O ano de 1991 tinha sido reservado na agenda de Chiara para uma visita à comunidade do Movimento no Brasil.

O contexto histórico trazia as conseqüências em todos os planos (cultural, econômico, político...), dos acontecimentos que levaram à queda do Muro de Berlim.

O Prêmio Nobel James Tobin (apud FERRUCCI, 2000, p. 24)) afirma que na verdade não foi o neoliberalismo que prevaleceu sobre o marxismo, mas sim a democracia ocidental baseada em uma economia mista, dirigida juntamente pelo Estado e pelo mercado, situação que caracterizou o período de 1940 até 1970 como anos dourados do capitalismo.

Mas, de fato o neoliberalismo se impôs como uma verdadeira ideologia influenciando também outros setores além do econômico. Ferrucci (2000, p. 25), referindo-se ao pensamento de Soros, conclui que se trata de uma espécie de fundamentalismo de mercado, uma ‘nova religião’ segundo a qual “todos terão vantagens em trabalho e em bem-estar ao deixarem que os cidadãos e as suas organizações privadas procurem o lucro, utilizando, sem nenhum controle, em nível mundial, os meios de comunicação, as finanças e a política. Uma religião intolerante, que reputa como retrógrado quem não adere a ela”. No entanto, observa ainda Ferrucci (2000, p. 25) é o próprio Soros, um dos ‘sacerdotes’ dessa ‘nova religião’ a perceber que esse fundamentalismo de mercado acaba por destruir

as culturas e a sociedade provocando danos maiores que os provocados pela economia marxista”.

De fato, a ascensão e afirmação do neoliberalismo leva à crise do Estado do Bem-Estar Social provocada seja pela crise do petróleo na década de 70 com a conseqüente elevação da taxa de juros, seja pelas reivindicações do Movimento operário. Os postos de trabalho diminuem devido à política de privatização do patrimônio público, de retraimento dos direitos sociais, de liberalização monetária e portanto desregulamentação da economia. Se a situação já era grave no final da década de 70, no início da década de 90 ela se torna insustentável.

Essa crise fez surgir, como reação, em vários pontos do planeta, propostas alternativas com o intuito de solucionar ou pelo menos minimizar os problemas gerados pela mesma. Tais propostas têm recebido vários nomes: economia civil, economia social, economia popular, associativismo econômico, e mais recentemente economia solidária. Com esse último apelativo essas propostas têm atraído a atenção de pesquisadores economistas e entrado na pauta de Congressos como os recentes Fóruns sociais internacionais realizados em Porto Alegre nos últimos anos.

Inês, em seu depoimento, assinala que Chiara havia dito uma vez que ela recebia cartas dos brasileiros que lhe falavam, “em todos os tons”, a respeito do problema social existente no Brasil resultante da desigual distribuição da riqueza e da renda entre a população.

Chegando ao Brasil Chiara se depara com a situação de muitos dos membros do Movimento que, afetados por essa crise econômica, encontravam-se em condições precárias de subsistência sendo que muitos estavam desempregados. A praxe de “comunhão de bens”² que sempre marcou as relações sociais dentro do Movimento já não era suficiente para garantir a todas condições materiais de vida satisfatórias.

Passando pela cidade de S. Paulo e vendo as numerosas favelas, Chiara anotará posteriormente em um Diário:

² A expressão “Comunhão de bens” traduz a prática gerada no interior do Movimento de partilha de bens materiais organizada por setores, em nível regional e internacional, como ação social orientada pelos valores evangélicos da fraternidade e com o objetivo de dar visibilidade a uma situação social marcada por condições materiais de vida igualitárias. Poderíamos aproximar o conceito na categoria weberiana de comunismo de amor.

[...] a “coroa de espinhos”, como o Cardeal [Arns] de S. Paulo chama o cinturão de pobreza e miséria que circunda a cidade [...], fez-me recordar Roma após a guerra [...]. Aqui os problemas são de outra dimensão. [...] {LUBICH, 1991b)³. Visitei o focolare masculino [...] e, entre outras coisas, falamos da cidade de S. Paulo: em 1900 era apenas um vilarejo e agora é uma floresta de arranha-céus. É o que faz o capital concentrado nas mãos de alguns, e a exploração de muitos outros. Por que – nos questionamos - tamanha potência não é direcionada para a solução dos imensos problemas do Brasil? Porque falta o amor ao irmão e dominam o cálculo e o egoísmo. Mas a esperança existe, ou melhor, a certeza. Era visível no semblante dos focolarinos durante o encontro que tive na casa deles (LUBICH, 1991b).⁴

Em um encontro de Chiara com os dirigentes do Movimento no Brasil, reunidos na Mariápolis Ginetta, em 25 de maio de 1991, procura-se refletir sobre a dimensão sócio-econômica intrínseca à espiritualidade do Movimento, procurando soluções para responder ao impacto provocado pela crise, acima acenada, que assolava o país. Ainda em seu Diário Chiara anota:

Hoje de manhã tive um encontro muito importante com os/as dirigentes do Movimento. Falei de algumas idéias que tive sobre o futuro desenvolvimento desta Mariápolis [...]. Os focolarinos casados, voluntários e membros do Movimento Famílias Novas (capacitados) poderiam implantar e desenvolver empresas [...]. O lucro desses empreendimentos – sob o impulso do Ideal – seriam colocados em comum livremente a fim de garantir uma vida digna aos moradores e contribuir para o desenvolvimento da Mariápolis e das próprias empresas [...]. Uma Mariápolis no Brasil com estas características, onde o contraste entre ricos e pobres constitui a chaga social por excelência, poderia representar um farol, uma esperança.⁵

Aqui encontra-se em germe, a *EdC*. Naquele momento fugia à consciência da própria Chiara as dimensões que em seguida o projeto iria tomar.

Alguns dias mais tarde, 29 de maio, ela comunica a idéia a um público de 650 membros do Movimento representando as várias regiões do Brasil:

³ Em 15 maio 1991.

⁴ Em 22 maio 1991.

⁵ Em 25 maio 1991.

[...] nasceu [...] uma idéia: que talvez Deus chame o Movimento no Brasil, com os seus duzentos mil membros, a atuar a comunhão dos bens globalmente [...] não mais setorialmente. [...] deveriam surgir indústrias, empresas [...] de tipos variados, organizadas por pessoas do Brasil inteiro, das quais todos tivessem a possibilidade de participar, ainda que modestamente mas de forma muito difusa. A gestão dessas empresas ficaria a cargo de pessoas competentes, capazes de fazê-las funcionar com a máxima eficiência e lucratividade. A novidade seria essa: o lucro seria colocado em comum. [...] Queremos que o lucro seja colocado em comum livremente. Com qual a finalidade? A mesma das primitivas comunidades cristãs: ajudar os que passam necessidades, oferecendo-lhes condição de melhoria de vida e possibilidade de emprego. Depois, obviamente incrementar a própria empresa. E, por fim, desenvolver as estruturas dessa Mariápolis, visando a formação de homens novos, porque sem homens novos não se constrói uma sociedade nova. Agora, a parte concreta, ou seja, o que devemos fazer de imediato. Devemos estudar pelo menos um projeto [...] e ver quem está disposto a constituir a empresa. É preciso que muitas pessoas se associem. Nós não temos dinheiro, somos pobres, mas somos muitos! Se alguém não quiser colocar [o lucro em comum] é livre. Embora esta realização seja local e pequena, acredito que logo terá um efeito nacional [...] (LUBICH, 1991V).

A acolhida da idéia foi surpreendente. A adesão à proposta nascia de uma consciência social já formada nos membros do Movimento a partir dos valores propostos pelo mesmo, de uma fraternidade concretizada desde o início através de uma comunhão de bens organizada capilarmente, de um *back ground* cultural que se foi adensando através das ações sociais dos membros do Movimento, e que poderíamos denominar ‘cultura da partilha’, ‘cultura da unidade’. Além disso, estava presente na consciência dos membros do Movimento a convicção de que esses mesmos valores propostos pelo Movimento continham a solução para todos os problemas sociais.

Tratava-se, portanto, de fazer evoluir a comunhão de bens ou – em termos weberianos - o “comunismo de amor” – já mencionado - , existente no interior do Movimento, desde o seu início, para uma forma nova, aproximada ao que Weber denomina – colocando entre aspas – de “socialismo”. Para ele, de fato o carisma é,

ao lado da comunidade doméstica, da qual difere, o segundo grande portador histórico do comunismo, se por ele entendemos aqui a ausência da calculabilidade no consumo de bens e não a organização racional da produção de bens para um “cálculo” – de alguma forma – coletivo (“socialismo”) (WEBER, 1992a, p. 330).

O conteúdo da proposta claramente não nascia em base a cálculos de viabilidade econômica uma vez que, naquela época de crise, abrir empresas poderia ser considerado algo irracional, a partir da ótica de uma racionalidade com relação a fins.

A *EdC* surge como uma nova utopia a partir e dentro da utopia primária anterior, representada pelos ideais de vida propostos pelo Movimento dos Focolares; uma reprodução das condições carismáticas do estado nascente do Movimento. As condições históricas e sociais que geram o agravamento da crise econômica, permitem a Chiara e aos membros do Movimento reavivarem aquela radicalidade do conflito implícito com a sociedade global, que marcou o nascimento do Movimento naquelas condições, também de crise, da Segunda Guerra. A esse propósito parece-nos útil evocar o pensamento de Séguy (Lettre, p. 45):

No entanto, uma utopia radical ou mais radical pode sempre nascer a partir da prática diluída de uma utopia anterior. Essa supõe transformações profundas da conjuntura social, capazes de tornar plausível, e portanto possível, a um utopista e a seus discípulos, essa reativação da radicalidade dos conflitos (SEGUY, 1973-1974, p. 45, Mimeo). [nossa tradução]

Naquela ocasião é a própria Chiara que nos fornece as conexões de sentido entre aquele acontecimento do presente com fatos passados da história do Movimento, fazendo-nos perceber que a origem da *EdC* coincide com uma síntese de significações e projetos compartilhados, vivências de valores, e acontecimentos de micro e macro história. Na verdade o projeto situa-se no ponto de cruzamento de três níveis de história: história do próprio Movimento dos Focolares, história da Igreja e história do mundo ocidental.

Chiara, ao expor a proposta da *EdC*, no dia 29 de maio de 1991, para 650 membros do Movimento reunidos para a ocasião no auditório da Mariápolis Ginetta – aponta para

três elementos que estavam presentes na sua memória naqueles dias da sua permanência no o Brasil.

O **primeiro** consistia na então recente publicação da Encíclica de João Paulo II *Centesimus Annus*, escrita por ocasião dos 100 anos de outra encíclica, a *Rerum Novarum* de Leão XIII, escrita na época em que se assistia ao auge das conseqüências do capitalismo, sendo que agora o contexto histórico era o da queda do comunismo real. O Papa descreve, entre outras coisas, a posição oficial da Igreja frente os limites e contradições da ordem econômica dominante, defende o direito da livre associação e iniciativa, reafirma a legitimidade da propriedade privada porém não disjunta da destinação universal dos bens.

Esse elemento tem a sua importância no nosso contexto devido ao lugar que a doutrina da Igreja sempre ocupou na concepção de fé cristã de Chiara. O magistério da Igreja apresenta-se para ela, como uma das “fontes” de autoridade legítima na interpretação da Palavra e da Vontade de Deus.

O **segundo** elemento era a leitura que ela havia feito de um livro publicado também naqueles dias na Itália com título *Os novos protagonistas*⁶. O autor, Bruno Secondini, pesquisador na área dos Movimentos sociais, enfatizava que os Movimentos – referindo-se aos Movimentos que estão surgindo no interior da Igreja - teriam um papel determinante na condução da história devido ao fato de serem formados prevalentemente por leigos – e portanto mais capacitados para a ação em um contexto de secularização como o das sociedades modernas -, e acenava à urgência de se encontrar um terceiro caminho para além do comunismo e do capitalismo.

E, em relação a isso, Chiara afirma ter se lembrado, ao ler o livro acima mencionado, de um seu discurso feito aos jovens do Movimento, em 1974, a respeito da contestação cultural de 1968. Naquela ocasião, - com uma carga de entusiasmo e convicção muito grande, perceptível pela tonalidade da voz e pelo teor do próprio discurso -, ela (LUBICH, *Colloqui con i gen* 1999, p.139-144), fazia notar aos jovens que a ela não interessava nem o comunismo, nem o socialismo nem o liberalismo, mas Jesus Cristo, e os exortava a seguirem a “estrada” dela, ou seja, os ensinamentos de Jesus, como os únicos que poderiam efetivamente transformar o mundo.

⁶ SECONDINI, B. *I nuovi protagonisti*. Milano: Paoline, 1991.

Nesse contexto vale a pena lembrar uma resposta dada por Chiara ainda em 1975 a um grupo de adultos pertencentes ao Movimento, na qual faz referência àquele discurso aos jovens. Ela acena ao fracasso das ideologias na América Latina, interpretando-o em base à incoerência dos vários grupos que pendem ora por um lado ora por outro sendo incapazes de realizarem algo de concreto. Se até hoje – afirma Chiara LUBICH, 1975A) - não se conseguiu implantar uma revolução social baseada no Evangelho é porque este não foi ainda compreendido, sendo visto como palavras que se referem a um plano puramente espiritual. No entanto, - ela afirma – o Evangelho é humano também porque Jesus era Deus mas era homem também. Seria suficiente – na opinião dela – realizar na prática o conteúdo de quatro frases do Evangelho para resolvermos todos os problemas sociais: *Buscai em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça, e o resto vos será dado por acréscimo; Quem deixa pai e mãe, mulher, filhos e campos terá o cêntuplo nesta vida e a vida eterna; qualquer coisa que pedirdes ao meu Pai no meu nome vos será dado; qualquer coisa que pedirdes a mim no meu nome, acreditai que já vos tenha sido dada e vos será dada*⁷. “O que significa o ‘resto’, o ‘cêntuplo’, senão o pão, a casa, irmãos... ? No Evangelho encontramos o ‘Pai nosso’ mas também o ‘pão nosso’!” (LUBICH, 1975A).

Acenando ao texto bíblico do *Magnificat* pronunciado por Maria durante a visita à sua prima Izabel, no qual narra as proezas de Deus com relação ao povo de Israel, Chiara lembra o versículo que diz *Cumulou de bens os famintos e despediu ricos de mãos vazias* (Cf. Lc 1,53), e afirma; “Eis aí a revolução social! Não é preciso eliminar os ricos, é suficiente mandá-los de volta com as mão vazias!” (LUBICH, 1975A).

De fato, os próprios valores propostos pelo Movimento como orientadores de ações em vista de transformações sociais, implicam em uma metodologia que não exclui nenhuma classe social mas prevê uma nova articulação entre todas pautada pela comunhão.

Chiara se lembrava dos episódios “extraordinários” que marcaram a vida dela e de suas primeiras companheiras no início do Movimento e que foram interpretados por elas como uma resposta concreta de Deus quando, querendo “resolver o problema social de

⁷ Na gravação Chiara cita de memória essas frases e não integralmente, enfatizando alguns conceitos que passaram a fazer parte tradicionalmente da memória narrativa dos primórdios do Movimento. Na tradução da Bíblia de Jerusalém, literalmente mais conforme à versão original grega dos Evangelhos os versos correspondentes seriam: “Buscai em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão acrescentadas” (Mt 6,33); “E todo aquele que tiver deixado casas ou irmãos, ou irmãs, ou pai ou mãe ou filhos, ou terras, por causa do meu nome, receberá muito mais e herdará a vida eterna” (Mt 19,29); “...a fim de que tudo o que pedirdes ao Pai em meu nome ele vos dê” (Jo 15,16) e “o que pedirdes em meu nome eu o farei” (Jo 14,13).

Trento” procuravam agir orientadas pelos valores do Evangelho contidos naquelas frases que incentivavam a “dar” ao próximo, porque teriam recebido de Deus um retorno “centuplicado”, a “pedir” a Deus o necessário para si ou para os outros, porque Ele teria atendido ao pedido; e outras frases⁸.

Cabe ressaltar também que no período em que Chiara se encontrava no Brasil, a Igreja Católica estava procurando novas formas de atuação diante da nova conjuntura social e econômica e refletindo sobre uma nova formulação da opção preferencial pelos pobres definida em 1979 em Puebla. Para isso já se delineavam no cenário eclesial os preparativos para uma nova Conferência dos Bispos da América Latina em Santo Domingo a se realizar de 12 a 21 de outubro de 1992.

O **terceiro** elemento diz respeito ao perfil das Mariápolis permanentes. No I Capítulo já acenamos à inspiração das mesmas durante uma viagem de Chiara na Suíça ainda nos idos de 1961 a partir da observação da abadia beneditina de Einsiedeln. Naquela ocasião Chiara havia intuído que a partir dos valores propostos pelo Movimento, surgiriam com o tempo, cidadezinhas signos (as Mariápolis), como condições de plausibilidade de uma sociedade com relações sociais políticas e econômicas orientadas pelo amor evangélico, pela fraternidade.

Estaria presente à Chiara, ao propor o projeto *EdC*, aquele antigo desafio lançado aos comunistas no início do Movimento, de quem teria chegado primeiro?⁹ Chiara não o diz, mas existe uma conexão muito forte entre os fatos. Na época ela havia dito aos comunistas amigos de seu irmão: somos pobres e poucas. Agora, à distância de anos, ela fazia notar aos membros do Movimento no Brasil - incluindo-se entre eles -, que eram pobres mas muitos. E naquela conjuntura o comunismo real havia recém desmoronado. Seria essa uma possível chance que a história lhes oferecia de provar para a sociedade global aquela eficácia atribuída por eles às palavras do Evangelho, não em nível de vida privada ou da comunidade que formavam, mas em nível social amplo?

⁸ Alguns desses episódios integram a *memória* coletiva originada no interior do Movimento e muitos outros, ao longo dos anos, vividos e relatados por pessoas de vários países, foram coligidos e publicados. Cf. LUBICH, C. et al. **Palavras vivas/1**. S. Paulo:Cidade Nova, 1982, LUBICH, C. et al. **Palavras vivas/2**, 1983. Cf. também os já citados CALLIARI, 1980b, op. cit., CALLIARI, 1982 op. cit., CALLIARI, 2001, op. cit.

⁹ Ver a narração desse episódio mais à frente no item “A comunhão de bens racionalizada”.

Em seguida ao lançamento da proposta, formou-se uma vasta rede de contatos para comunicar a idéia às demais comunidades do Movimento e começar a viabilização do projeto.

Simultaneamente realizava-se em Roma, na sede central do Movimento, um encontro internacional de pessoas engajadas no campo econômico e empresarial. Tendo sido comunicados sobre o “Projeto Brasil”¹⁰ imediatamente enviaram uma mensagem aos dirigentes do Movimento daqui, reunidos com Chiara, para afirmarem a própria adesão à idéia e o compromisso em levá-la para os seus países. A proposta se estende.

2. Uma rápida visão do projeto¹¹ e dos valores que orientam as ações dos empresários que a ele aderem

Em fins de 1991 e início de 1992 somavam 237 os empreendimentos nesses moldes, localizados na Europa, Américas, Ásia e Austrália. Atualmente¹² as empresas constituem um total de 771, das quais 90 no Brasil.

As empresas que aderem ao projeto têm um perfil de pequeno e médio porte e com um faturamento de cerca de 20 milhões de dólares ao ano. Essas empresas representam vários setores da economia: 44% na produção de serviços, 25% na indústria, 21% no comércio e 10% em outros, inclusive financeiro.

Entre os empreendimentos da *EdC* destacamos, aqui, três devido à sua peculiaridade:

1) O Banco Kabayan (Banco rural) nas Filipinas. Fundado em 1957, com o objetivo de apoiar as atividades agrícolas dos pequenos produtores da região Batangas, em 1991 passou a ser dirigido por acionistas vinculados à *EdC*. A adesão aos princípios do projeto estimulou os seus diretores a potencializarem a sua originária dimensão social. Em cinco anos, o seu desempenho cresceu cerca de 63%, passando da posição de 123º lugar para o 3º lugar em termos de depósitos nacionais. Atualmente, conta com 8 filiais no país, emprega cerca de 150 pessoas e conseguiu sobreviver à tempestade financeira asiática de 1998,

¹⁰ Assim foi denominado de imediato o projeto *EdC* no exterior.

¹¹ Para mais informações e notícias sobre o projeto Cf. o periódico **Economia de Comunhão: Uma nova cultura**. S. Paulo: Cidade Nova, 1995-. Quadrimestral. Suplemento da Revista Cidade Nova; e o link relativo no site do Movimento dos Focolares: www.focolare.org.

¹² Os dados referem-se a 2001.

graças ao clima de confiança que se criou no interior da empresa e ao seu redor (FERRUCCI, 2000, p. 30).

2) A Solidar Kapital, uma financeira constituída por 23 empresários da região de Solingen, na Alemanha. Sua finalidade básica é fornecer capital, assistência gerencial e transferência tecnológica, além de cooperar na formulação de estratégias para a comercialização dos produtos, para o desenvolvimento de empresas nos países do leste Europeu e do Oriente Médio.

3) O Consórcio de Cooperativas Sociais Roberto Tassano, sediado na Ligúria (região italiana) foi constituído por um número reduzido de cooperados (três pessoas) há dez anos atrás. O “espírito” da *EdC* estimulou a sua ampliação e, atualmente, conta com um quadro de 420 cooperados. Sua atividade basilar é a prestação de serviços assistenciais. Administra várias Casas de repouso para idosos e doentes mentais, gráficas e estruturas produtivas voltadas para pessoas desempregadas. Apoia, ainda, novos empreendimentos, constituindo-se em uma incubadora de pequenas cooperativas (FERRUCCI, 2000, p. 31).

Segue abaixo uma tabela da distribuição das empresas da *EdC* nos vários continentes:

Tabela 1 - Empresas *EDC* por Continentes¹³

Continentes	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2001
África	-	01	02	06	14	11	15	11	13
Américas	99	144	166	184	220	244	220	221	224
Ásia	10	19	23	23	32	37	35	36	39
Oceania	01	03	03	05	07	07	07	15	15
Europa	132	161	208	336	430	448	477	478	482
Total	242	328	402	554	703	747	754	761	771

Fonte: Comissão Mundial da *EdC* - Roma

No Brasil a região norte concentra 12% das 90 empresas ligadas ao projeto, o nordeste, 13% contando também com o nascente *Pólo Empresarial Ginetta*, a região sul, 14%.

¹³ Os continentes referem-se à classificação das regiões no âmbito do Movimento, não coincidindo exatamente com a classificação geográfica.

A região sudeste abriga o maior número das empresas da *EdC* (61%), além do *Pólo Empresarial Spartaco*¹⁴. Esse, situado a 4 Km da Mariápolis Ginetta, em uma área de 4 hectares de terreno, reúne, até o momento, 7 empresas do tipo industrial, comercial e de prestação de serviços, atuando nos moldes dessa nova concepção da atividade produtiva, sendo que outras estão se preparando para uma futura instalação de filiais ali. Constituiu-se uma Sociedade anônima (ESPRI - Empreendimentos, Serviços e Projetos Industriais), com um Conselho Administrativo, para a captação de recursos em vista da administração do terreno e da infra-estrutura do *Pólo*, e para a construção dos galpões que são alugados às empresas que ali se instalam¹⁵. São sete as empresas ali instaladas até o momento, com as seguintes características que conseguimos detectar junto a alguns dos empresários empresários e alhures:

- 1) La Tunica Confecções, contando com 47 funcionárias, tem um faturamento médio anual de 500 mil reais;
- 2) K.N.E. Plast e com. Ltda, que trabalha, em média, 12 toneladas de polietileno por mês e fatura anualmente, em média 110 mil reais. O crescimento de 2002 para 2003 foi de 42%. A empresa tem 2 sócios, 16 funcionários
- 3) PRODIET Farmacêutica. (A matriz encontra-se em Curitiba; passou de 4 a 50 funcionários a partir da adesão ao projeto *EdC* multiplicando por 50 o seu faturamento) (FERRUCCI, 2000, p. 30).
- 4) Uniben Fomento mercantil Ltda.
- 5) AVN Embalagens Plásticas.
- 6) ECO-AR Indústria e Comércio Lta. Produtos de Limpeza. Nasceu em 1998, conta com 4 sócios, 15 funcionários. Nos primeiros anos teve uma média de crescimento de 100% estabilizando depois em torno de 20%. Produzindo 800 mil litros por mês de 12 itens de produtos, fatura anualmente, 5 milhões de reais e tem como clientes as redes de supermercados Carrefour, Dia Brasil, CBA, BIG, Jau Serve.
- 7) ESPRI/SA. Empreendimentos, Serviços e Projetos Industriais.

¹⁴ O *Pólo Spartaco* é o único atualmente já em funcionamento. Os demais – coligados com outras Mariápolis do Movimento, estão em fase de projeto (Recife, Argentina, EUA e Itália).

¹⁵ A ESPRI possui 3000 acionistas. O maior possui 3,4% do capital acionário da empresa. Para mais informações e notícias cf. o boletim periódico *ESPRI notícias*.

Todos os empresários da *EdC* com os quais conseguimos conversar, enumeravam algumas dificuldades enfrentadas pelas suas empresas: impostos elevados, concorrência desleal devido à sonegação dos mesmos por parte de muitas empresas brasileiras, propina exigida no mercado para facilitar as vendas; além das dificuldades inerentes à própria produção, como no caso da K.N.E o custo do transporte da mercadoria de grande volume.

Apesar dessas dificuldades os empresários permanecem em uma conduta ética, afirmando que justamente o fato de que, em contrapartida, criam relacionamentos sólidos e confiáveis com clientes e fornecedores, ganham credibilidade junto ao mercado.

No Brasil, informam ainda os empresários, especialmente aqueles cuja empresa nasceu com o lançamento do Projeto *EdC*, os empreendimentos já conseguem contribuir na receita a ser distribuída para os necessitados, mesmo se essa quota ainda não atingiu o equilíbrio almejado.

Entre os 90 empreendimentos ligados ao projeto *EdC*, existentes atualmente no Brasil, ressaltamos a FEMAQ S/A, indústria metal-mecânica de propriedade dos irmãos Henrique e Rodolfo Leibholz. Sediada em Piracicaba (SP), foi uma das primeiras empresas a aderirem ao projeto. Conta com cem funcionários, produz 7.000 toneladas e um faturamento, em 2003, de 26 milhões de reais com lucro aproximado de R\$ 1,35 milhão. Tem como principais clientes a Volkswagen, a Mercedes Bens e a General Motors.

Somam 16 entre teses, Dissertações e Monografias que tiveram a FEMAQ como objeto de pesquisa.

Em setembro de 2003 os dois sócios, irmãos receberam a cidadania honorária de Piracicaba devido à posição ética da empresa, com a preocupação já há dez anos, com a ecologia. Os sócios, de fato, iniciaram em 1998, a Recibloco Ltda, um novo empreendimento econômico voltado para a reciclagem do refugo de areia originada da fundição da FEMAQ. Projeto pioneiro no Brasil, a Recibloco tem sido apontada por Órgãos oficiais, como a CETESB, como modelo a ser imitado e tem ganho muitos Prêmios, pois apresenta como resultados positivos, além da não degradação do meio ambiente, a criação de novos empregos, a produção de artefatos de concreto de qualidade e com custos mais baixos, a preservação das reservas naturais de matéria.

Muitos autores¹⁶ sublinham o fato de que o projeto *EdC* extrapola o interesse econômico particular para se constituir num projeto cultural mais amplo.

A *EdC* surge como uma prática social e somente depois tem início um processo de sistematização conceitual dessa experiência a partir do interesse acadêmico que a proposta suscita. De fato, em 1996 a Faculdade Católica de Lublin na Polônia, decidiu outorgar a Chiara um doutorado *honoris causa* em Ciências sociais cuja motivação central era o projeto *EdC*.

A partir de então, o projeto tem suscitado um crescente interesse (aliás, foi a motivação principal da admissão de Chiara na Ordem do Cruzeiro do Sul, em 1998, pelo Governo brasileiro e da outorga, a ela, do doutorado h.c. em Economia pela UNICAP (Universidade Católica de Pernambuco) em 1998, e em Piacenza (Itália), em 1999).

Além de livros e artigos, 56, entre monografias, dissertações e teses foram compiladas e defendidas, outras estão sendo elaboradas, em várias áreas, sobre esse tema¹⁷, já que o projeto parece apontar para elementos de novidade para a teoria econômica em geral. O assunto entrou na pauta de vários congressos internacionais e acadêmicos. Dois deles foram realizados na Mariápolis Ginetta: o Congresso Internacional da ONG *Bureau internacional de economia e trabalho*, realizado em 11-12 de junho de 1999 e o Congresso Internacional de agentes e empresários da *EdC*, de 7 a 9 de junho de 2003.

No início, as pessoas em situação econômica deficitária destinadas a serem as beneficiadas pelo Projeto, contavam em cinco mil. Atualmente este número aumentou para 12 mil no mundo todo. Esses, por enquanto, estão sendo identificados entre os membros do Movimento, até que o Projeto se firme dando condições de extrapolar essa ajuda para outros âmbitos.

Segue abaixo uma tabela com a descrição da receita correspondente à terceira parte dos lucros destinada aos 12 mil beneficiados:

¹⁶ Cf. ECONOMIA DE COMUNHÃO E MOVIMENTO ECONÔMICO: desenvolvimento e perspectivas. **Anais do Bureau internacional da Economia e trabalho**, 11-12 jun. 1999. Mariápolis Araceli. S. Paulo: Centro de Estudo, Pesquisa e Documentação da Economia de Comunhão/Cidade Nova, 2000; BRUNI, L. (org.). **Economia de Comunhão**, 2002, op. cit.; FARO, J. A. Algo de novo no cenário econômico: Entrevista com o Prof. Stefano Zamagni. **Cidade Nova**, S. Paulo, ano 43, n. 10, p. 20-23, out. 2001.

¹⁷ Cf. <http://www.ecodicom.com>. No Brasil temos: BARAÚNA, M. **Cultura e Economia: faces da mesma moeda?** Análise do Projeto Economia de Comunhão em perspectiva cultural. 2000. Dissertação (Mestrado em Assistência Social) – Faculdade de Ciências Sociais, PUC, S. Paulo; e duas Monografias: BERNI, A. **Ética e Economia: uma proposta**. 1997. (Monografia de conclusão de curso de Economia). Faculdade de Economia, PUCCAMP, Campinas; e NOBRE, M. **Economia de Comunhão uma experiência da ‘cultura da partilha’ no Movimento dos Focolares**. (Monografia de conclusão de curso em Teologia) – PUC- RS.

Tabela 2 - Receita da terça parte destinada às pessoas em situação de pobreza no Brasil

Ano	Valor (R\$)	Valor (US\$)
1992	26.324,00	17.094
1993	34.784,00(*)	22.587
1994	24.774,00	27.109
1995	63.784,24	71.493
1996	106.861,00	105.434
1997	77.850,00	77.850
1998	61.266,46	52.379
1999	77.107,85	50.631
2000	120.648,80	52.456
2001	132.058,55	53.465

(*) Efetuou-se a conversão do cruzado para o real, utilizando-se a UFIR como base de cálculo. Fonte: Comissão Nacional da *EdC*/ Brasil.

Cabe ressaltar, porém, que além da geração de lucros para serem distribuídos no corpo societário, as empresas da *EdC* produzem ainda outros tipos de bens cuja contabilização é mais complexa mas nem por isso menos real. São os chamados “bens relacionais” – expressão que vem sendo sempre mais utilizada pelos pesquisadores e teóricos da *EdC* (GUI, 2002, p. 116ss). Esses bens, além de abarcar a geração de empregos, constituem-se também em um novo tipo de relações sociais entre empresários e seus clientes, seus fornecedores, seus concorrentes, seus funcionários; relacionamentos entre os funcionários de uma mesma empresa. Constituem-se também na produção de serviços e de bens de consumo eticamente confiáveis, ou seja, de boa qualidade, não prejudiciais à saúde, tendo em vista o bem estar global dos destinatários no mercado, respeito pelo meio ambiente através do tratamento responsável dos recursos naturais.

De fato, a orientar as ações dos empresários estão alguns valores sugeridos pelo cristianismo, os quais integram a proposta cultural do Movimento.

Diz Chiara:

Na Economia de Comunhão nada é possível fazer se, em sua base, não for colocada a cultura da partilha, que é o Evangelho. O Evangelho é amor, porque Deus é amor, e nós devemos ser o amor. Concretamente, amar significa dar. Sem dar, sem servir, sem ajudar, não existe amor, há sentimentalismo. Portanto, sem dúvida é necessário que, na base, ocorra uma transformação do homem velho em homem novo, como diz São Paulo, e que assim seja superado o egoísmo, que sejam afastadas as divisões, que haja amor e unidade (LUBICH, 1998, Mimeo).

E ainda, no texto que se tornou – para os membros do Movimento - a *carta magna* da *EdC*:

À diferença da economia consumista, baseada na cultura do ter, a economia de comunhão é a economia da partilha. Isto pode parecer difícil, árduo, heróico. Mas não é assim porque o homem, feito à imagem de Deus, que é Amor, encontra a própria realização, justamente em amar, em dar. Esta exigência encontra-se no mais profundo do seu ser, quer seja ele alguém que acredita em Deus, quer não. E justamente nesta constatação, sufragada pela nossa experiência, encontra-se a esperança de uma difusão universal da economia de comunhão (LUBICH, 1991c, Mimeo).

3. O Protagonismo de Ginetta Calliari

O projeto *EdC* nasce no Brasil e daqui é anunciado aos outros países. Refletindo sobre as possíveis motivações que possam ter determinado esse fato e o seu desenvolvimento, vêm-nos as seguintes perguntas: Por que o projeto nasceu justamente aqui? E por que aconteceu aqui um desenvolvimento pioneiro malgrado as circunstâncias econômicas adversas?

Uma proposta nos moldes da *EdC*, quando vista numa ótica pura de economia de mercado, baseada rigidamente sobre relações sociais racionais com relação a fins, demonstra-se incompreensível. De fato a década de 90, com os acontecimentos que sucederam à queda do comunismo real assinala uma situação internacional de equilíbrio econômico instável com graves conseqüências para a economia nacional. A recessão faz com que muitas empresas se fechem sucumbindo sob o peso de altos impostos.

Seria mais conforme a uma racionalidade orientada a fins, que o projeto fosse lançado nos países classificados como Primeiro Mundo.

A *EdC* caminha na contra-corrente: enquanto muitas empresas se fecham, alguns empresários não só não interrompem suas atividades, mas decidem partilhar os lucros ou, ainda, pessoas que nunca antes haviam atuado no campo empresarial decidem iniciar uma atividade com o objetivo de gerar lucros e partilhá-los. Por quê? Ingenuidade? Inconsciência? Desespero?

É bem verdade que mesmo se a pobreza é comum a muitos países, no Brasil a situação reclamava uma solução rápida e eficaz e qualquer tentativa nova de resposta teria sido bem-vinda. Mas qual o segredo do sucesso da *EdC* que cruza as fronteiras do Brasil e extrapola os objetivos pelos quais nasceu - de distribuição dos lucros para as pessoas necessitadas -, e desperta o interesse de muitos pesquisadores que nele vêem inovações até mesmo do ponto de vista teórico para as ciências econômicas?

Weber (1999a, p. 328) aponta para o fato que “a estrutura carismática nasce da emergência e do entusiasmo de situações extraordinárias”. Como ele nos lembra, não podemos nos iludir acreditando que conseguiremos entender o real em toda a sua policausalidade, mas podemos perseguir os pontos nodais que formam a rede de significações que conferem a possibilidade objetiva de que um determinado fator possua um peso causal em um determinado acontecimento.

Um desses pontos é sugerido pela relação social entre Ginetta e Chiara¹⁸. Entre elas, como já foi dito, o relacionamento diádico se transforma em uma Relação estável mediada pelo carisma que Ginetta atribui a Chiara, carisma que leva a uma reciprocidade total de significações fazendo com que os seus objetivos e seus projetos sejam compartilhados totalmente.

Ainda em seu Diário, por ocasião da sua visita ao Brasil em 1991, Chiara faz uma afirmação reveladora da expectativa que existia nela com relação às ações de Ginetta em resposta a qualquer coisa que viesse a emergir dessa sua viagem. Diz ela:

¹⁸ Outros fatores podem também ter concorrido para o êxito da *EdC* no Brasil. Cf. FARO, 2001, op. cit., p. 23: Stefano Zamagni, economista, Prof. de Economia na Universidade de Bolonha, entrevistado sobre o assunto *EdC* faz uma conjectura a respeito do motivo pelo qual a *EdC* nasceu no Brasil, e afirma que na sua opinião, “pode ser que na matriz cultural brasileira, exista uma prevalência da razoabilidade sobre a racionalidade. Enquanto que na cultura da Europa

Eu pensava que a minha vinda ao Brasil não pudesse se realizar, embora as orações de todo o Brasil Ideal a reclamassem. E entendi o primeiro motivo da minha chegada aqui, apesar de tudo: ‘por Ginetta’... Depois, logicamente, também por todos os focolarinos do Brasil e pela Mariápolis permanente. Compreendi por que Deus me quer aqui, mesmo se tão pouco em forma. Ele não podia dizer ‘não’ a uma focolarina assim, a uma fé assim. E foi o que aconteceu. [...] Agora, sobre este pequeno/grande acontecimento, sobre esta lágrima e sobre esta estrela, tudo florescerá e creio que serão grandes coisas (LUBICH, 1991b, Mimeo).

A *EdC* vinha ao encontro da grande sensibilidade ao social que caracterizava Ginetta. Essa sensibilidade se manifesta já na sua adolescência, como aquela vez em que expressou ao pai sua perplexidade porque este havia despedido um indigente que batia à porta alegando não ter nada para dar quando ele “poderia ter-lhe dado o prato dela” (CALLIARI, [s.d.1], Mimeo) . Ou como aquela vez em que ela e sua irmã Gis fugiram sorrateiramente da mansão de uma família que as havia hospedado em Veneza e oferecido ocasião de trabalho em sua empresa. A constatação, seja no ambiente doméstico dessa família como na empresa, das desigualdades sociais e conseqüentes diferenciações no tratamento dos empregados fez com que elas deixassem aquele ambiente mesmo cientes do fato de que aquelas pessoas tinham a intenção de torná-las herdeiras, já que não possuíam filhos (CALLIARI, [s.d.1], Mimeo)¹⁹.

Na leitura da história feita por Ginetta, no período em que o Movimento nascia em Trento, “o comunismo estava no auge na Itália como a coisa mais bela, e a palavra *unidade* encontrava-se em todos os muros” (CALLIARI, 1984aA). Pasquale Foresi, um dos primeiros focolarinos fala do sentimento de apreensão que tomava as pessoas diante da possibilidade de que esse se tornasse o sistema de governo na Itália, uma vez que “naquele tempo o comunismo imperava em boa parte da Europa e não se conseguia derrubá-lo” (FORESI apud FRANCESCONI, 2002, p. 11).

Podemos imaginar, portanto, que na época inicial do Movimento dos Focolares, o comunismo era um assunto de interesse geral e todos, de alguma forma conheciam a teoria

continental, acontece o contrário. A razoabilidade é uma expressão que traduz em termos contemporâneos a *fronesis*, da qual Aristóteles falava; isto significa que a razoabilidade contém elementos de sabedoria”.

¹⁹ Cf. também MARIÁPOLIS, 2001, op. cit., p. 27: depoimento da irmã de Ginetta, Gis Calliari durante a Missa do funeral de Ginetta, dia 8 mar. 2001.

e o método desse sistema de governo. E, no caso de Ginetta, podemos intuir quanto a idéia da distribuição igualitária dos bens, no comunismo, era uma idéia que fascinava, devido à sua já acenada sensibilidade ao social.

De fato, para o seu encontro com o Movimento dos Focolares foi determinante o relato²⁰ feito-lhe por sua irmã Gis da comunhão de bens que ela havia visto as primeiras focolarinas fazerem na casa da Praça dos Capuchinhos nº 2 em Trento.

Ao longo do II Capítulo desse trabalho, percorrendo a história social do desenvolvimento do Movimento dos Focolares no Brasil, pensamos ter descrito suficientemente a sensibilidade de Ginetta ao social e suas conseqüentes ações sociais motivadas por essa sensibilidade.

Parece-nos significativo, a esse propósito, o depoimento de Antonio Caldas. Fazendo uma espécie de retrospectiva dessas ações sociais de Ginetta ele alude implicitamente, no final, ao protagonismo de Ginetta em impulsionar os membros do Movimento a aderirem ao projeto da *EdC* de modo a incrementar a solidariedade e a fraternidade entre todos eles:

O que Ginetta trouxe para o Brasil? Ela trouxe o Movimento, ela trouxe tudo o que tem aqui, ela trouxe essa Mariápolis, trouxe a Mariápolis do norte, do sul, ela trouxe milhares de conversões, milhares. Por que estamos aqui reunidos hoje? Quem nos uniu hoje aqui? O instrumento de Deus para nos unir hoje aqui foi Ginetta. Então, Ginetta é responsável por tudo o que aconteceu de bom aqui no Brasil, por tudo o que a Obra conseguiu fazer, pelas construções espirituais, pela tranqüilidade espiritual que ela trouxe para todos aqueles que ela acompanhou, para todos os filhos dela, os 200 ou 250 mil que nós somos hoje aqui no Brasil, não sei ao certo. Mas ela não tem só filhos espirituais, ela tem os filhos ‘materiais’ também, dos quais elas nos ensinou a cuidar: é por causa dela que nós aprendemos a cuidar dos nossos pobres, não é?”

E Antonio continua a sua reflexão que contém uma intuição. Essa intuição, que no caso de Antonio provém do senso comum – mas que Weber analisa cientificamente -, deixa entrever a impossibilidade do conhecimento exaustivo do real na sua policausalidade. O

²⁰ Cf. item 1. do II Capítulo.

que Antonio faz é, portanto, afirmar a conexão de sentido que ele encontra entre as ações sociais de Ginetta e o desenvolvimento do projeto da *EdC*:

Por que aconteceu o lançamento da Economia de Comunhão no Brasil? Eu pensei sobre isso... não sei, a gente faz uma reflexão, muitas vezes acerta outras erra. Mas por que Deus não inspirou Chiara..., por que ela não teve essa inspiração em outro país? [...]. Para mim a resposta é clara – não quero convencer ninguém, nem sei se estou certo, porque a verdade é uma coisa assim difícil de se afirmar - [...] mas para mim isso é verdade, até que provem em contrário. Aconteceu aqui porque havia Ginetta que podia concretizar, - como de fato está concretizado no Km 51, através do Pólo Spartaco -; concretizar essa visão que Chiara teve. Quem foi o instrumento férreo e eficiente que concretizou a Economia de Comunhão, quem foi que – vamos dizer assim – liderou todos esses empresários, quem foi a mentora espiritual disso? Foi Ginetta.

3.1. A Comunhão de bens racionalizada, no início do Movimento dos Focolares

O fato primordial da história de Ginetta, da comunhão de bens que ela viu acontecer entre Chiara e suas companheiras, quando as conheceu, parece conter uma conexão de sentido com a gênese da comunhão de bens como prática institucionalizada no Movimento dos Focolares que contou com Ginetta como protagonista. Vale a pena determo-nos sobre as etapas históricas para tentar apreender aquela conexão.

Aquela comunhão de bens realizada por Chiara e aquelas suas primeiras companheiras, destinada a suprir as necessidades mais imediatas geradas pela guerra em curso, de pessoas que encontravam pelas ruas da cidade flagelada de Trento, não fascinou somente Ginetta. Já acenamos no II Capítulo aos comunistas amigos de Gino Lubich, irmão de Chiara, e da visita deles ao focolare para conhecerem o segredo do êxito delas na comunhão de bens que viam realizar-se em Trento. Chiara, apontando para o crucifixo na parede qual “segredo” que orientava as suas ações sociais, lançou aquela espécie de desafio respondendo-lhes com os três “**p**” e dizendo que elas eram *pope*, *poche* e *povere* mas que Deus estava com elas e que, no futuro teriam visto quem venceria.

Este episódio, relata Ginetta (CALLIARI, 1984aA) marcou profundamente Chiara, inclusive porque ela constata que aquelas pessoas, comunistas sem nenhum referencial religioso, eram coerentes e davam tudo o que possuíam aos pobres.

Mas a palavra *unidade* que havia inspirado Chiara e orientava a sua vida e a daquelas pessoas que seguiam o seu *Ideal*, tinha sido lida no Evangelho.

Compreende-se, no raciocínio expresso por Chiara, a presença de uma racionalidade que, em relação a uma lógica que privilegia os meios adequados aos fins, apresenta-se como irracional. De fato, no contexto social em geral, e daquela época, em particular, a tríplice classificação (meninas, poucas e pobres) tornava Chiara e suas primeiras companheiras, três vezes negativamente privilegiadas – como já acenamos no II Capítulo – na perspectiva de uma eventual futura transformação da sociedade global. Essa transformação, como pode ser deduzido do contexto, era o sonho de Chiara, a qual raciocinava com base na força do carisma que – na sua interpretação – Deus havia concedido a ela. Era uma racionalidade com base em valores que possuíam uma grande força de persuasão na sua subjetividade e que lhe fornecia uma certeza absoluta da vitória final do seu Ideal na história.

O grupo ao redor daquelas primeiras jovens, depois de poucos meses já contava quinhentas pessoas e entre essas havia quem se encontrava em situação econômica muito precária. Chiara resolve então escrever uma carta que deveria ser lida a todos durante o habitual encontro de sábado de manhã na Sala Massaia. Imprevistamente adoece e era preciso que alguém a substituísse. Depois da recusa por parte de uma delas Ginetta se oferece.

Essa carta atualmente não existe mais mas Ginetta se lembrava do seu conteúdo porque a leitura da mesma tinha significado para ela um momento de grande tensão diante de uma tarefa que representava uma novidade pois nunca ninguém havia substituído Chiara.

O fato requeria grande preparação sobretudo espiritual. Os participantes estavam na expectativa de ouvir Chiara e encontrariam Ginetta! Além do mais sua preocupação aumentava quando pensava que a leitura da carta duraria poucos minutos, e o restante do tempo do encontro, como seria...?! Aqui também lembrou-se de Chiara, de como ela havia agido quando teve de substituir o padre orador em uma reunião quando ainda fazia parte da Ação Católica. Chiara tinha passado uma hora numa Igreja rezando. No entanto, Ginetta não tinha uma hora à sua disposição mas somente quatro minutos! O tempo suficiente para descer a ladeira da Rua Saluga que a levaria direto da Praça dos Capuchinhos nº 2 onde se

encontravam, no primeiro focolare, até a Praça S. Marcos, onde se localizava a Sala Massaia. Desceu a ladeira rezando. Com o seu característico humor Ginetta conta que durante a leitura as suas pernas, as mãos e a boca, tremiam.

Na carta, Chiara acenava à visita dos comunistas à sua casa e as palavras deles, segundo as quais, se soubessem que derramando o próprio sangue, o seu Ideal iria para frente, com muito prazer o teriam feito. Chiara acena ao apelo do Papa Pio XII que, naqueles dias, falava sobre a necessidade de uma mais justa repartição dos bens.

Ainda na carta, Chiara dava o exemplo de uma família em que o marido havia falecido: naquela família não teria sido suficiente uma cesta de Natal; o necessário era suprir o ordenado do marido! ‘Quem o faria?’ - ela se perguntava na carta -. Nós! Talvez uma pessoa sozinha não conseguiria, mas com a união de todos seria possível. Chiara exprimia ainda na carta o desejo de que cada um escrevesse um termo de compromisso naquele mesmo dia porque “agora é o tempo da graça”! E – conta Ginetta – todos responderam. Desse modo 30 famílias foram ajudadas. As dez mil liras que sobravam foram destinadas para o Seminário semi destruído pelas bombas. Para Ginetta aquela comunhão de bens foi um “acontecimento histórico, histórico! Porque dali começou tudo” (CALLIARI, 1984aA).

Gis, irmã de Ginetta, durante o funeral dela deu um depoimento no qual lembrava a todos os presentes esse episódio, relacionando-o significativamente com o nascimento da futura *EdC*. Afirma Gis:

O efeito foi surpreendente e imediato. As pessoas se despojaram logo de tudo e entregaram a Ginetta o que tinham: dinheiro, relógios, frutas, verdura, ovos, tudo! Começou, então, o uso de um caderno no qual se anotava de um lado, o que se recebia e do outro, as necessidades; com uma relação da providência, que era sempre muito abundante – o que dava muita alegria a Chiara. Era um dos primeiros sinais daquela fé carismática de Ginetta, fé total na palavra de Chiara que se traduzia em atuar imediatamente e com alegria o que ela dizia. É essa fé que deu origem a inúmeros milagres – podemos dizer – até o florescimento da Economia de Comunhão que, tendo nascido do coração de Chiara aqui na Araceli, teve o seu grande e surpreendente desenvolvimento justamente graças à fé concreta e atuante de Ginetta CALLIARI G., apud MARIÁPOLIS, 2001, p. 28).

Em uma velha agenda de Ginetta, amarelada pelo tempo, encontramos uma página com alguns apontamentos dela escritos provavelmente como pró-memória para algum encontro com a comunidade. Estes apontamentos escritos à mão remontam aos anos anteriores ao projeto da *EdC* e contêm elementos que sugerem a presença, naquele momento, na mente de Ginetta, do conteúdo da carta preparada por Chiara em Trento e lida por ela.

Nessas frases sintéticas podemos apreender a sua preocupação em manter sempre vivo nos membros do Movimento o espírito de fraternidade, o impulso à partilha, à comunhão em vista da igualdade entre todos, de modo a manter aquela experiência paradigmática do início do Movimento constantemente atualizada no presente histórico:

Não é justo que exista quem está pronto a dar a vida pela causa de um ideal simplesmente humano e, por Deus, não tenha a mesma disposição... devemos chegar a não ter mais pobres entre nós... chegar à igualdade.

O ano não se reduz a um pacotinho distribuído no Natal e um outro na Páscoa, o ano é feito de 365 dias. O pobre, como todos, deve alimentar-se todos os dias...

Devemos chegar a viver o que lemos nos Atos dos Apóstolos: 'Tudo entre eles era em comum, não havia nenhum indigente... ninguém dizia ser seu o que possuía'.

Não é justo que haja quem se permite o luxo de comprar coisas supérfluas, quando entre nós, existem pessoas a quem falta o necessário...

O Santo Padre Pio XII, no período pós-guerra, escrevia na encíclica 'Mistici Corporis' – Corpo Místico – que, entre outras coisas, era preciso chegar a uma mais justa distribuição dos bens.

'Dai e vos será dado, uma medida abundante, calcada e transbordante... Até mesmo um copo d'água dado por amor terá a sua recompensa... Fazer um exame de consciência...

Norma relata que seu pai era de idéias comunistas, tendo chegado a ser preso e torturado pela coerência com os seus ideais de justiça e fraternidade. De outro lado ela via

muitos cristãos “mornos”, ou seja, que não agiam orientados por uma ética de convicção. Quando conheceu o Movimento (através de seu irmão que tinha participado de um Encontro) afirma ter conhecido cristãos mais coerentes. Quando Ginetta esteve em Parma em 1959, leu cidade uma carta de Chiara, para as pessoas da comunidade do Movimento naquela cidade. Norma, de posse de uma cópia da carta, não sabe ao certo se consistia na carta que Ginetta havia lido na Sala Massaia nas vezes de Chiara, mas com muita probabilidade sim, mesmo se talvez adaptada para a situação da comunidade de Parma. A carta é datada 19 de fevereiro de 1959. Em sua entrevista ela quis ler trechos da carta que transcrevemos aqui:

Gostaria de lembrar a todos os que receberam, de Jesus, o dom de conhecer o *Ideal* [...] de viver segundo o exemplo dos primeiros cristãos, os quais depositavam os bens aos pés dos Apóstolos. Agora, os tempos são outros, mas Deus é igual e pede a todos nós para conduzirmos uma batalha pacífica, mas concreta e constante contra o egoísmo que existe em nós, a preguiça, a avareza, porque o mundo, vendo o nosso exemplo de caridade recíproca se converta. Será feito de modo que tudo seja registrado e que tudo circule, para que cada membro da nossa grande família sinta unido com os outros, ajudado, apoiado, que se possa, com os nossos meios arrecadados, difundir ao mais largo possível o Ideal que Deus nos deu, não para nós mas para o bem da humanidade. Haverá quem dará 10 mil liras por mês, porque é o seu tudo, quem dará mil liras porque é o seu tudo, quem dará 10 liras por mês porque é tudo quanto pode, quem comunicará as suas necessidades, por estar ...também essa pessoa [estará dando algo desse modo]; o importante é dar diante de Deus e não diante dos homens, inserindo-se concretamente na revolução que, unidos no nome de Jesus, queremos levar. Acreditemos: quem ganhará seremos sobretudo nós, que daremos, porque no lugar das poucas ou muitas outras liras, receberemos o Reino de Deus: Bem aventurados os pobres em espírito porque deles é o reino dos Céus. Façamos atenção em não deixar escapar o Reino do Céu a motivo de uma quantia guardada, a motivo de uma coisa qualquer que não nos serve e que preserva a caridade e a justiça para com aqueles próximos aos quais poderíamos dar. [...]. Multipliquemos em unidade as nossas idéias para podermos chegar lá. Um santo não é nunca uma pessoa acomodada, um tranqüilo, mas é sempre alguém que constrói uma infinidade de Obras que vão adiante e se multiplicam, porque têm a raiz em Deus. Um santo é uma pessoa contemplativa que concretiza aquilo que “contempla” para o bem da humanidade. Sejam também nós! Se um copo de

água terá a sua recompensa, que recompensa terá então quem deu tudo quanto podia para Deus [presente] nos irmãos?

Norma recorda que naquele Encontro, ela deu imediatamente uma medalha de ouro que havia ganho numa competição de basquete, uma sua amiga uma correntinha de ouro, um advogado deu o que tinha ali com ele prontificando-se também a dar mensalmente uma quantia.

É ainda Norma que nos conta que Ginetta, no dia seguinte, distribuiu a cada uma das pessoas presentes no Encontro uma cópia da carta de Chiara acompanhando-a com uma sua pessoal na qual, dizia:

Ontem à noite, falando a vocês, tive a sensação de que tenha caído uma graça sobre vocês. Impulsionada pelas palavras de Santo Agostinho, “Temo o Senhor que passa”, mando-lhes a carta que li, escrita por Chiara, a vocês. certa de dar-lhes alegria e interpretar o desejo de cada um. Se não o fizesse, teria o temor de deixar sem frutos o dom que Deus fez a vocês. Leiam-na e meditem-na. Façam dela vida de suas vidas e escrevam-me alguma coisa. Ajudem-me a agradecer a Jesus por quanto operou nas suas almas.

Ainda no ano 1984, percebemos que a comunhão de bens ocupa uma posição central na hierarquia axiológica de Ginetta como a condição de credibilidade e acolhida do Ideal de vida proposto pelo Movimento dos Focolares, por parte da sociedade (CALLIARI, 1984aA). E mais uma vez podemos perceber quanto esse fato foi fundamental para ela pessoalmente, na mudança do seu projeto de vida em contato com Chiara e aquelas jovens que já viviam com ela a experiência de comunhão de bens. Ginetta comenta que o Espírito Santo, com esse carisma, veio “sacudir” as pessoas porque, ao longo da história, muitos tinham se afastado do cristianismo porque ninguém vivia coerentemente a fé, a tal ponto que a um certo momento precisava se tornar marxista para colocar tudo em comum! Isso porque, - observa Ginetta – os marxistas²¹ colocavam tudo em comum, e além disso, são muito concretos, acreditam no que vêem. Mas - observa ainda -, o mais lindo é que com esse carisma que o Espírito Santo havia dado a Chiara vivia-se o amor, e quem ama ‘vê’: vê

o que tem para dar mas sem entrar em atrito dentro da família, ‘salvando o amor, os relacionamentos fraternos com todos, não rompendo os relacionamentos com ninguém. Muitas vezes, diz Ginetta, os cristãos parecem querer se justificar no ato de não dar nada com a simples afirmação: “Eu sou um cristão!”, como se isso fosse suficiente para se salvar ou salvar aquilo que possui. E continua:

O cristianismo é outra coisa! [...]. Uma pessoa que ama ‘vê’! Uma que não ama não ‘vê’ nada e não encontra nada para dar porque não ama; vê a si mesmo. Quando ao invés, ama, vê tudo aquilo que tem a mais e tudo aquilo que falta ao outro. [...] E nós vimos que não há outro caminho, porque não se pode acreditar naquilo que não se vê [...]. Os marxistas são concretos: acreditam naquilo que se toca com as mãos. Portanto, um cristianismo que não se toca é uma alienação; todos somos alienados! Mas, se a um dado momento os cristãos começam a colocar tudo em comum, [as pessoas abrem os olhos e começam a pensar] ‘talvez Deus existe. Ah, é este o cristianismo?’ (CALLIARI, 1984aA).

Nesta mesma fala de Ginetta nota-se já a percepção de que a comunhão de bens possui um potencial transformador da sociedade brasileira e da sociedade em geral. Mesmo se no âmbito do Movimento já se realize a comunhão de bens como praxe valorativa desde aqueles seus albores em Trento, Ginetta parece ‘ler’ nas páginas da história daquele momento, - tempos da guerra fria -, a urgência de que esse modo de agir se ‘globalize’. E isso possui uma conexão de sentido com o que, naquele momento extrapolava do conhecimento de Ginetta pois se concretizaria somente sete anos mais tarde, através do projeto da *EdC*, mas que de alguma forma ela previa pelo simples fato que acreditava plenamente no carisma que atribuía a Chiara e no potencial transformador do mesmo:

Não é que entre nós já não tenha se realizado a comunhão de bens! Não é uma novidade para nós! Mas, os tempos de agora... precisa salvar o Brasil, precisa salvar a humanidade, precisa salvar a Igreja, precisa salvar as nossas almas, porque o mundo pode acabar com uma bomba atômica, de um momento para o outro, mas ao menos poder se apresentar a Deus com o Evangelho encarnado sob os braços, porque parece que nós voltamos em tempos de guerra,

²¹ Observe-se que na linguagem seja de Chiara, seja de Ginetta os dois termos *comunistas* e *marxistas* se equivalem. Esse fato não possui nenhuma intenção valorativa nem peso científico; pode ser compreendido com base no senso comum..

quando Chiara descobriu a maravilha daquele livro. Ela [amante da filosofia] havia colocado os livros de estudo no sótão porque perguntou a Jesus: ‘Eu quero que você me diga com qual livro eu devo me apresentar quando você me chamar. Eu acho que o melhor livro é o Evangelho, o livro que você mesmo escreveu através desses quatro evangelistas’. E assim ela propôs a ela mesma, o conhecimento do Evangelho, a encarnação do Evangelho e apresentou a nós também e viu como é o livro que se pode encarnar, viver, feito para todos, e para todas as épocas. Porque a primeira coisa que as focolarinas fizeram [foi]... sacudiram aqueles comunistas. O que elas fizeram? Colocaram tudo em comum em um quarto: um capote que era demais, um vestido, um par de sapatos... amontoaram tudo e depois uma entre elas [dizia]: isto eu vou entregar a essa pessoa, àquela outra... tudo o que elas tinham, deram! Não existe uma coisa mais forte do que a comunhão de bens! Não existe! Não existe! (CALLIARI, 1984aA).

E Ginetta, continuando a sua fala convida a todos a serem protagonistas em fazerem nascer ao próprio redor uma comunidade animada por esses valores. Existe nela a convicção de que cada indivíduo, se orienta as suas ações sociais segundo os valores evangélicos do amor, da fraternidade, da partilha, pode se tornar um sujeito refundador do social:

Mesmo [se for] uma só [pessoa]: comecem! Se forem duas, unidas: comecem! se forem três: comecem! Se forem quatro: comecem! Fazer com que tudo circule, que aquele outro diga: ‘eu preciso disso’, mas que um outro diga: ‘eu tenho isso a mais’. E com aquela humildade, com aquela disposição... como quando se encontra em uma família: com aquela espontaneidade, com aquele amor, com aquela generosidade... (CALLIARI, 1984aA).

3.2. Concretizando o projeto *EdC*

Uma vez lançada a idéia do projeto por Chiara, esta tornou-se imediatamente “vontade de Deus” para Ginetta, e todo o seu agir passou a ser em função da concretização do projeto. E “vontade de Deus” não somente no sentido de que eram palavras de Chiara que precisavam ser assumidas e realizadas pelo simples fato de serem palavras “de um líder carismático” que exigiam plena adesão. Na verdade o percurso cognitivo é inverso: é considerado carismático porque antes existe a percepção de que na proposta de Chiara está

contida em potencial uma estratégia que realiza valores de justiça, fraternidade, humanização da economia e justamente por isso adquire a autoridade moral carismática que exige o assentimento do intelecto e da vontade impulsionando à ação.

Mais uma vez, então, a fé de Ginetta de que as palavras de Chiara continham a chave de solução para todos os problemas da humanidade, orientava suas ações no sentido de ser “uma coisa só” com o pensamento de Chiara tentando intuir diante das diversas circunstâncias quais as opções mais coerentes que pudessem fazer alcançar a meta pré fixada.

Darlene, bioquímica, empresária da *EdC*, relatou-nos que, ao conhecer Ginetta, ela teve a percepção de “alguém que seguia perfeitamente o mestre - no caso, Chiara, [ela explica] – e que levava os outros a fazerem a escola desse mestre”. Ela, que sempre “sentiu-se atraída por figuras ‘fortes’ da sociedade, da história, capazes de transformar em vida um ideal, ou de perseguir um ideal”, via em Ginetta a “figura da mulher forte”, ou seja “capaz de transformar o cotidiano da vida em coisas grandes”.

Atuando na área da Saúde, Darlene confessa que, mesmo se juntamente com todos os membros do Movimento dos Foculares, procurava agir orientada pelos valores do Evangelho, no fundo ela integrava aquele grupo de pessoas que ansiavam por algo maior, ou seja por uma resposta originada dentro do Movimento que fosse mais radical e concreta na contribuição à solução do problema relativo à distribuição da riqueza e da renda, no Brasil.

Darlene não se encontrava no público das 650 pessoas que presenciaram ao discurso de Chiara sobre o lançamento do projeto *EdC*, mas em um dos Congressos realizados na Mariápolis, logo em seguida, e no qual se falou sobre o assunto, ela relata ter sentido que “Deus a chamava para dar a vida por esse projeto”. De fato, ela relata que ali mesmo soube que estava germinando alguma coisa no campo da Saúde, pois uma jovem recém formada em medicina, ouvindo a proposta de Chiara imediatamente teve a idéia de iniciar algo no campo da Saúde e, como sinal concreto dessa sua adesão ao projeto, colocou em comum uma jóia que o pai lhe havia dado após a morte de sua mãe.

Darlene escreveu para Ginetta relatando-lhe o que havia sentido e colocando-se à disposição nessa iniciativa. “E ela me respondeu: Venha!”. Darlene sorri, à essa lembrança porque Ginetta não lhe perguntou na carta se havia condições para uma transferência,

porque isso significava procurar casa, encontrar novo trabalho para o marido, escola para os filhos. Parecia a ela que Ginetta “tinha pressa” em tornar concreto o projeto da *EdC*. Os 4 meses que se seguiram até a transferência de toda a família para Ginetta “era um tempo longuíssimo” e sempre marcado por telefonemas da parte dela perguntando se estavam já para chegar.

Darlene assinala também a capacidade de Ginetta de amar o próximo realizando não só coisas grandes como o projeto da *EdC* mas também preocupando-se de mínimos detalhes. Após a transferência de toda a família, de Mogi das Cruzes para Vargem Grande, Ginetta zelava para que todos fossem reconhecidos no importante passo que haviam dado juntos e o fazia com pequenos gestos como recebê-los com um presente para cada um (uma blusa) ou procurando descobrir os gostos dos quatro filhos (atualmente cinco). Ginetta – afirma Darlene – “era uma pessoa que ajudava a realizar esse projeto grande da *EdC* e depois te amava mandando um boné para os teus filhos. São essas coisas, típicas das pessoas ‘grandes’, que te ensinam demais!”.

“Aí começamos a aventura de montar a *Policlínica Ágape*”. E Darlene sublinha que tudo foi realizado “com Ginetta”: Ela explica que esse ‘com Ginetta’ significava que mesmo não sendo farmacêutica nem médica, nem empresária, Ginetta “detinha o carisma”, ou seja era ela quem poderia avaliar se tudo estava sendo feito segundo o pensamento de Chiara, ou não. E Darlene assinala as muitas vezes em que iam até Ginetta para confrontar alguma idéia, dar notícias, e a solução nascia da comunhão que se criava ali com Ginetta, a qual se interessava de tudo profundamente, sentindo realmente como suas as preocupações dos empresários.

Hoje a *Policlínica Ágape* conta com 16.000 clientes no seu fichário, 53 funcionários das quais 23 médicos. Oferecendo atendimento em 18 áreas de especialização médica, prestação de 15 tipos de serviços e tercerização para 6 especializações odontológicas, a *Policlínica* conseguiu cumprir e até extrapolar o planejamento para os dez primeiros anos. O seu faturamento anual é de 1.200.000 reais.

Maria do Carmo Gaspar, é sócia da *La Tunica confecções*, a primeira empresa nascida com o lançamento do projeto *EdC*. Ela encontrava-se entre aqueles que ouviram Chiara diretamente ao lançar o projeto, e imediatamente escreveu para Chiara. O conteúdo

de sua carta evidencia também a percepção de um “chamado de Deus” na concretização do projeto:

Eu senti logo de escrever a Chiara, naquele mesmo dia, dizendo que eu não tinha mais nada para colocar em comum²², para poder dar início a alguma coisa, como ela estava propondo, mas a minha vida, as minhas forças, estavam à disposição, eu poderia oferecer também nesse sentido se ela achasse oportuno.

Comunicando também a Ginetta a sua disponibilidade, soube dela que duas voluntárias do Movimento tinham tido a idéia de constituir uma empresa de confecção para a qual necessitavam, porém da ajuda de alguém que residisse na Mariápolis ou nas suas proximidades, pois com o auxílio de Ginetta havia sido encontrado um pequeno galpão no Bairro em frente à Mariápolis para a instalação da nova atividade. Uma delas trabalhava em casa nesse setor e colocava em comum as duas máquinas de costura que possuía.

“E eu disse que sim a Ginetta “ – conta Maria do Carmo – “embora não tivesse experiência de confecção, sabia somente costurar”. Logo em seguida estava constituída a empresa, e ela relata que “foi uma experiência muito bonita porque realmente Ginetta era a alma de tudo”. Maria do Carmo evidencia a capacidade “visionária” de Ginetta, no sentido de acreditar no carisma que atribuía a Chiara e entrever, portanto, um futuro promissor para o projeto da *EdC*. Afirma Maria do Carmo:

Nós imaginávamos que seriam os participantes do Movimento que já eram empresários que iriam, aos poucos, constituindo essas empresas [ligadas à *EdC*]. Mas, como Ginetta fazia unidade imediata e plena com Chiara, ela ‘colheu’ o momento como sendo o momento de Deus. Então, [se é assim] é preciso uma resposta imediata. E ela nos ajudou a dar essa resposta imediata. Uma pequena disponibilidade de uma pessoa que tinha duas máquinas e ela já viu a constituição de uma empresa. A gente olhando não via nada , mas ela viu.

²² A partir do momento em que se transferiu com a família para a Mariápolis Ginetta, Maria do Carmo colocou sempre todos os seus bens pessoais – não o que dizia respeito às necessidades dos filhos - à disposição do Movimento.

Antes de partir, Chiara já havia visitado o modesto galpão destinado à futura empresa e conferido o nome de *La Tunica*²³. “Ginetta sempre imaginou a *La Tunica* como uma empresa completa, uma empresa que pudesse atingir o mundo todo”. “Tem que ser como uma *Benetton*” – Maria do Carmo se lembra que era uma expressão freqüente de Ginetta.

Atualmente a empresa conta com 47 funcionárias incluindo as vendedoras externas nos vários estados do Brasil.

Maria do Carmo relata também que Ginetta pessoalmente procurava divulgar o surgimento da *La Tunica* e diariamente os telefonemas chegavam em sua casa comunicando contribuições financeiras, doações de tecidos, de máquinas. De imediato o número das participantes dessa primeira empresa cresceu para cerca de vinte.

Maria do Carmo e Darlene, quiseram assinalar em seus depoimentos, o fato da credibilidade que Ginetta conferia às pessoas e de modo especial às mulheres. Maria do Carmo, arriscando uma leitura da sociedade brasileira, pelo menos naqueles anos, como marcada pelo masculino, afirma que uma das coisas que Ginetta sempre ajudou a ‘enxergar’ e a colocar em prática foi um novo entendimento sobre a posição da mulher:

A vida empresarial, o aspecto do trabalho, eram muito confiados ao homem, e a mulher se colocava quase em um segundo plano. E Ginetta sempre nos ajudou a enxergar que nós estávamos em uma posição de igualdade [...] Estamos ali como iguais para dar a nossa contribuição, aquela que só nós podemos dar e que se não dermos estamos falhando com um compromisso que temos com a história.

Darlene, por sua vez, fazendo a mesma leitura da sociedade brasileira como sendo “machista” naquela época, afirma que “se não tivesse conhecido o Movimento dos Focolares teria sido uma ativista no *Movimento feminino* – não diria *feminista*”. Na sua juventude, percebendo que a mulher não conseguia ter um “lugar” na sociedade, ela agia de modo a conquistar esse lugar através de uma atitude de contraposição. E descreve de que modo Ginetta a ajudou a buscar a solução desse problema por outros caminhos:

²³ O nome se refere à túnica que usava Jesus e que provavelmente era tida como algo de valor já que segundo os

Com Ginetta eu fui aprendendo a ser verdadeiramente mulher, a ocupar espaços sem imposição, tanto em casa, com os meninos – [ela tem 5 filhos homens] –, tanto nas reuniões... Mas eu fui aprendendo... Porque eu sinto que hoje a sociedade – talvez nos últimos dez anos - avançou até demais, mas na política e na economia a mulher ainda está num segundo plano. [...] E eu sinto que a sociedade tem algumas coisas, alguns “buracos” justamente porque a mulher não ocupou [o seu lugar]. Porque na unidade com o homem é que haveria o equilíbrio, mas eu com a minha “cabeça pequena” não queria fazer em unidade com o homem, eu queria fazer [colocando-me] na frente, para mostrar que era capaz. E com Ginetta eu fui aprendendo a fazer na unidade, o que não significa ter que negar os teus valores típicos. Ginetta me deu muito esse equilíbrio, [de conquistar espaços] sem precisar me impor.

Darlene sublinha ainda a auto-confiança que Ginetta impulsionava as pessoas a adquirirem, pelo fato de ela mesma apostar nas capacidades delas:

Por ela acreditar nas pessoas ela potencializava as capacidades delas. Porque eu vejo que no mundo o que mais faz alguém sentir-se diminuído é o fato de que as pessoas não acreditam em você. Então até mesmo as capacidade que você tem, inatas, fica difícil provar. E Ginetta não, quando você lhe dizia alguma coisa ela acreditava plenamente em você. Por isso uma vez eu disse que Ginetta detinha todos os meus medos [...], porque como ela acreditava muito em você não havia espaço para o temor.

Idéia central no projeto da *EdC* era a construção de um *Pólo* Empresarial nas imediações da Mariápolis Ginetta. Isso daria visibilidade ao projeto tendo ainda essa proximidade com a Mariápolis a função simbólica de comprovação de que os valores propostos pelo Movimento interagem com a conjuntura social, aportando modificações. Além disso a existência desse *Pólo* completaria também a outra função da Mariápolis, já acenada, de cidade signo da plausibilidade de uma sociedade pautada por relações sociais econômicas orientadas pelo valor da fraternidade.

Naquele momento todo o projeto do Pólo resumia-se na existência da empresa *La Tunica* funcionando nas imediações da *Mariápolis Ginetta*, em dimensões bastante reduzidas.

Maria do Carmo conta que Ginetta imediatamente colocou-se a procurar o terreno mas “não ficava só nisso, ela chamava as pessoas, todos os interessados, para conversar, para reavivar a proposta de Chiara”, para buscarem juntos os caminhos de viabilização do projeto.

Os olhos de todos os participantes do Movimento, no mundo, estavam voltados para o Brasil, pois aqui se jogavam as cartas decisivas de um futuro no qual se demonstraria a viabilidade ou não de uma *ética da unidade* como gestora de relações econômicas novas. E Ginetta sentia o peso dessa responsabilidade. Novamente a geografia de Deus apontava para outra direção, diferente daquela normal de uma racionalidade puramente instrumental, orientada a fins.

Alberto Ferrucci (apud FARO; SAMPAIO; ARAÚJO, 2001, p. 14), que, a partir de 1993 viajava todos os anos para a Mariápolis Ginetta para dar a assessoria na concretização do projeto do Pólo Spartaco, lembra que quando estavam estudando a viabilidade do projeto do Pólo, que depois recebeu o nome de *Pólo Empresarial Spartaco*, disse a Ginetta que achava difícil realizá-lo naquele momento, devido à crise econômica que o Brasil atravessava. E ela respondeu de forma categórica: “Não. É vontade de Deus. Não vamos pensar que o momento é difícil, mas que é vontade de Deus. É isso que interessa”. E eu – continua Ferrucci – “me rendi diante daquela fé inabalável”.

Chiara havia lançado o projeto mas nem ela nem ninguém possuía a fórmula de como concretizá-lo – afirma Darlene. Levando em consideração a reflexão de Chiara de que os participantes do Movimento no Brasil eram pobres mas muitos, aos poucos foram entendendo – relata Maria do Carmo – de que para a implantação do Pólo seria necessário constituir uma empresa que pudesse captar recursos para adquirir um terreno e construir os galpões destinados a acolher as empresas que nasciam. Via-se também a oportunidade de que a propriedade dos galpões deveria ser dessa empresa porque deste modo ficaria preservado o ‘espírito’ do projeto solapando o mesmo do perigo de que eventuais futuras desistências dos empresários viessem a comprometer o prosseguimento e o significado do Pólo.

“Vimos - conta Maria do Carmo - que deveria ser uma Sociedade anônima porque deveria ser capaz de reunir o pouco de muitos, porque Chiara havia previsto a participação, no projeto - dos 200 mil participantes do Movimento – na época”.

Assim em 1992 nasceu a ESPRI, inicialmente como uma *Limitada* e em 1993 transformou-se em uma *Sociedade Anônima* podendo receber as subscrições de muitas pessoas. Nesse ínterim encontrou-se um terreno a 4 Km da Mariápolis – porque na idéia original de Chiara o Pólo seria uma extensão territorial da *Mariápolis*, completando o seu significado de “cidade nova”, formada por uma parte “celeste” e outra “terrena”.

O fato de que não se possuía um modelo que orientasse a constituição do Pólo – pelo contrário, seria este o destinado a ser modelo para os outros no futuro – requeria habilidade empresarial, visão de conjunto, capacidade de cálculo, enfim todos os requisitos que podem ser compreendidos dentro das ações típico ideais de racionalidade com relação a fins. E aqui podemos perceber uma Ginetta que se move estrategicamente procurando entender quais os melhores e mais acertados passos a serem dados para o pleno êxito do projeto.

Ao procurar o terreno destinado para a implantação do Pólo, Ginetta fala em termos de procurar um terreno adequado, com ‘vocação’, e com este termo ela entendia um terreno com todos os requisitos para se tornar uma região industrial, que garantisse para o futuro as condições de manter em ativo essas futuras empresas, possuindo a função de uma estrutura de plausibilidade dessa nova economia (CALLIARI, 2001, p. 14).

Enzo Morandi, na época co-responsável com Ginetta da Mariápolis e do Movimento na região ao redor da mesma, relata que quando encontraram o atual terreno do Pólo, parecia realmente o mais adequado, pois a multinacional que deveria ter se instalado ali e em seguida desistiu, já havia inclusive providenciado a terraplanagem do mesmo. Situava-se às margens da rodovia Bunjiro Nakao e era ladeado pela ferrovia Santos-Jundiaí, o que facilitaria o transporte de mercadorias.

O depoimento de João Carlos Pompermayer (apud MARQUES; EGMAN, 2001, p. 51), atual vice-presidente do Conselho de administração e Diretor Técnico da ESPRI S/A relata a sua percepção da participação de Ginetta no processo de desenvolvimento do *Pólo Spartaco*:

Quando a ESPRI ensaiava os primeiros passos, se apresentaram várias dificuldades para a implantação do Pólo no terreno que havíamos adquirido. Tudo nos levava a mudar de rumo. Ginetta foi a luz que nos recolocou no caminho certo e nos infundiu a coragem que necessitávamos. Graças a ela, fomos em frente. Os obstáculos foram gradualmente desaparecendo e o Pólo hoje é uma realidade concreta. Essa sua visão transcendental, que vai além do racionalismo humano, essa sua vocação absoluta à unidade me encantam e me fazem buscar nela o modelo de vida que persigo sempre.

Em 1994 – relata Maria do Carmo - estava pronto o primeiro galpão acolhendo como inquilina a La Tunica.

E era uma aventura – continua Maria do Carmo – porque a La Tunica era ainda uma micro empresa e para ser inquilina de uma galpão assim, maior, de um certo porte, e com um custo de transporte, precisaria ter uma estrutura um pouco maior. [...] E esse foi um segundo ponto no qual Ginetta colaborou diretamente, porque ela fazia a parte do empresário que vai à luta para atrair investidores.

As dificuldades que acompanharam essa instalação da La Tunica no Pólo eram muitas. “A empresa teve que dar um salto – diz Maria do Carmo – e isso com pouco tempo de vida e sem que nós tivéssemos ainda experiência no mercado”. Mas ela recorda que Ginetta lhes incentivava a não desanimar lembrando-lhes de que o projeto era de Deus e de Nossa Senhora, portanto, Ele iria ajudar se elas fizessem a própria parte: “Temos que fazer toda a nossa parte – dizia Ginetta -, da melhor maneira, buscando a competência, mas não precisamos nos preocupar porque esse é um ‘negócio’ de Maria, precisamos deixar que ela faça”.

Alberto Ferrucci assinala a preocupação de todos nessa fase inicial também quanto ao fato de que o terreno ainda não era cercado e os primeiros a se instalarem ali eram aquelas “dez mulheres, sozinhas, à mercê de possíveis perigos”. Portanto, conclui Alberto, houve realmente o heroísmo de todos. O Pólo nasceu do desejo de empresários que queriam agir não segundo a “lógica comum”.

Para que as empresas da *EdC* dessem certo era necessário competência, como havia previsto Chiara ao apresentar a proposta, o que significaria conhecer o funcionamento do mercado para poder gerar lucros, mas ao mesmo tempo mover-se dentro do mercado sendo

fiéis aos valores éticos e de fraternidade sobre os quais o projeto se apoiava. Nesse sentido, com relação à La Tunica, por exemplo, Maria do Carmo recorda que Ginetta lembrava-lhes continuamente que era necessário ganhar mercado mas tendo sempre em vista a moda mariana.

Na leitura de Alberto Ferrucci, que também é empresário, a compreensão das ações dos empresários que aderem à *EdC* passa por uma concepção de empresário que ele descreve como sendo uma pessoa que realiza ações não somente do tipo racionais com relação a fins mas que realiza ações que estão na fronteira entre ações afetivas e ações racionais com relação a valores:

O empresário é alguém que possui uma intuição, vê que poderia fazer algo e que teria a capacidade de realizá-lo, de tornar real um sonho. O empresário não faz os cálculos antes, ele nunca faz os cálculos antes porque não consegue, não pode fazê-los, não pode prever o que acontecerá. E normalmente os empresários agem assim - [apostando tudo] -, em vistas de ganhar o mais possível, enquanto que os empresários da *EdC* fazem o mesmo, mas por amor desse Ideal de Chiara.

Por isso Alberto Ferrucci avalia a realidade do Pólo Spartaco como possuindo um valor mais cultural do que econômico. No seu pensamento trata-se de uma experiência piloto, de laboratório, para que a Mariápolis Ginetta – [e no futuro todas as outras] - seja aquela cidade farol como indicado por Chiara ao lançar a proposta da *EdC*, visibilidade, signo de algo novo, diferente na sociedade.

Com relação a esse valor cultural do Pólo Spártaco, Alberto faz presente no seu relato, que todas as 7 empresas que hoje encontram-se instaladas ali nasceram de uma *metanoia* ocorrida na subjetividade de cada um dos seus empresários: veja-se a experiência de Maria do Carmo Gaspar, ou de Ercília Fiorelli, de Augusto Neto ou, ainda, de Armando Tortelli. E poderíamos acrescentar outras cujas empresas não fazem parte do Pólo mas nasceram com o objetivo de concretizar o projeto *EdC* (como Darlene com a Policlínica Ágape, Ana Maria Nascimento com a Escola Aurora). E ele narra, a esse propósito, as condições particulares da instalação da Rotogine KNE, de propriedade do francês François Neveux.

Esse empresário, após o lançamento do projeto *EdC* havia colocado à disposição todo o seu *Know How*, fórmulas e tecnologia desenvolvidas por sua empresa na produção de produtos plásticos. Mas ninguém do Movimento, no Brasil havia se disposto a aceitar a sua oferta e dar início a uma atividade desse gênero. Após quatro anos do lançamento do projeto *EdC*, por ocasião de uma das viagens de Alberto para o Brasil, ele convidou François para conhecer *in loco* o projeto do Pólo Spartaco.

Na época deveria ser inaugurado o segundo galpão construído para acolher uma empresa de tecelagem. “Mas - afirma Alberto – nem tudo funcionou sempre otimamente no projeto, e a empresa nesse ínterim havia falido”. A situação era essa: havia um galpão para ser inaugurado mas não havia nenhuma empresa para ser instalada nele.

Alberto lembra que naquela ocasião Ginetta estava com dificuldades de caminhar em decorrência de complicações na coluna, mas quis ir até o Pólo assim mesmo, em cadeira de rodas, para a cerimônia de inauguração do Pólo. “E ela chegou – diz Alberto – com uma determinação daquelas! Era como Moisés quando abria as águas, e disse a todos: Esse galpão foi construído por amor e portanto durará até os “novos céus e novas terras”, aludindo assim à durabilidade do projeto *EdC* para além do tempo, penetrando na esfera do sagrado. De fato para ela, a *EdC* não era um projeto dos homens mas “de Deus”, como emerge dos vários depoimentos. A esse respeito Norma afirma que Ginetta via em Chiara alguém que de certa forma falava em nome de Deus e que, portanto, ela nunca hesitou diante de qualquer palavra de Chiara.

E – continua Alberto - François Neveux, diante disso decide:” se ninguém sente-se pronto para vir ocupar esse galpão, venho eu”. E abriu uma filial de sua empresa cujo nome, Rotogine era inspirado em Ginetta. Nas palavras de François:

Quando participei de um Congresso da *EdC* no Brasil, em 1995, Ginetta me recebeu de braços abertos. Diante dela – uma pessoa extraordinária – me senti impulsionado a colocar à disposição não só a tecnologia da minha empresa, mas a arriscar tudo e implantar no Pólo Spartaco uma empresa de rotomoldagem como a que eu já possuía na França. Ginetta me disse: “Deus escolheu você!”. Esta frase me ajuda até hoje a superar as dificuldades... Com ela todos os instantes se tornavam momentos de “construção”. Agora ela está presente mais do que nunca através das obras que ela gera por meio de nós (NEVEUX apud MARQUES; EGMAN, 2001, p. 53, Mimeo).

Armando Tortelli, dono da *Prodiel produtos farmacêuticos*, com matriz em Curitiba, expressa a relação significativa que ele encontra entre as ações sociais de Ginetta e a realização do Pólo Empresarial Spartaco quando afirma: “Eu acho que se não tivéssemos Ginetta, esse Pólo não existiria”. E explica o por que dessa sua leitura:

Porque ela acreditou na idéia de Chiara quando disse que a vocação da Economia de Comunhão era fazer nascer essas cidades ‘terrestres’. Ela nos levou a acreditar. E nos momentos mais difíceis, ela conclamava todos e todos manifestavam o seu estar de acordo. Era impressionante. Eu me lembro de momentos em que parecia que as coisas não iam para a frente, não caminhavam; ela falava cinco minutos para as pessoas e todo mundo sentia novamente a vontade ou de superar as dificuldades, ou de ir atrás dos recursos. Era impressionante o quanto ela nos levava a viver sempre em uma dimensão sobrenatural. Nos momentos mais difíceis, essa visão sobrenatural de Ginetta nos fazia prever, nos fazia ver aquilo que seria.

É ainda ele a relatar que, ao receber um telefonema de um dos responsáveis pelo Movimento na região sul, comunicando-lhe o explícito convite por parte de Ginetta para abrir uma filial de sua empresa no Pólo Spartaco, aderiu logo: “não por nada fiz essa loucura”. ‘Loucura’ porque – continua – “não fiz antes nenhum tipo de estudo de mercado, nada.”

Além dos depoimentos já citados, há ainda outros que atribuem à liderança de Ginetta, traços que a aproximariam do ideal tipo de empresário moderno capitalista:

Ginetta era uma empreendedora nata, uma empresária nata! A sua força e a sua coragem davam forma aos anseios do seu espírito. Ginetta não perdia de vista a meta, a grandeza da *EdC*. Percebia a importância desse projeto para toda a sociedade e com garra o realizava na história: encarava as dificuldades como se elas não existissem (BONFIM apud MARQUES; EGMAN, 2001, p. 52, Mimeo).

Ginetta deu a vida e trouxe à luz cada acontecimento, cada passo da concretização e da consolidação da *EdC* no Brasil e do Pólo Spartaco. Nós vivemos com ela uma aventura, uma história espiritual e humana riquíssima. Somos testemunhas do seu amor, da sua presença forte e marcante nas

dificuldades desta caminhada, da sua generosidade, da sua capacidade empreendedora e, sobretudo da sua fé inabalável (CAYUBI apud MARQUES; EGMAN, 2001, p. 51, Mimeo) [Grifo nosso].

Tudo o que foi comentado acima sugere conexões de sentido entre o agir social de Ginetta e o desenvolvimento da *EdC* no Brasil, fornecendo bases para a existência de uma possibilidade objetiva de que as ações sociais dela seja uma das causas desse mesmo desenvolvimento. Ainda outros depoimentos de empresários da *EdC* que vão nesta direção:

Na sua leitura do desenvolvimento da *EdC* no Brasil, Armando o concebe como resultado de uma “junção entre a radicalidade de Ginetta e as características do povo brasileiro”. “Ginetta gerou o povo e o povo gerou Ginetta”. E Armando se explica, dizendo que, no seu pensamento, “Deus mandou a pessoa certa para o Brasil”. Ginetta “ensinou muito ao povo” brasileiro [entendendo os membros do Movimento] através da sua radicalidade. Chegando, ela “encontrou um terreno fértil, um campo para desenvolver o Ideal e levar as milhares de pessoas, hoje membros do Movimento, a viverem a espiritualidade” do mesmo, como orientação de suas ações sociais. Diz ainda ele:

Onde a gente teimosamente não quer acreditar porque raciocina humanamente, ela via as coisas com os olhos de Deus, ela projetava também aquilo que seria o amanhã. Um dia ela falando da sua fé na *EdC*, do segundo andar da sua casa ela dizia: “Olhe essa árvore: um dia ela foi pequena, mas veja o tamanho dela agora. Assim acontece com a *EdC*. É uma semente pequena mas que certamente crescerá e deverá inundar.

Um outro trecho do depoimento de Armando nos ilustra a percepção que Ginetta gerava nos primeiros empresários que aderiam ao projeto, a respeito de si mesmos:

Ginetta nos fazia ver também que éramos pequenos mas éramos pioneiros. Ela dizia: “Olhem, vocês são pioneiros, acreditem nisso!” Era bacana porque naquele momento não conseguíamos raciocinar com a nossa mente, mas éramos quase que ‘sugados’ a raciocinar com ela.

Outros empresários focalizam, mais especificamente, em seus depoimentos, uma relação causal entre a relação social que se estabelece entre Ginetta e Chiara e o desenvolvimento da *EdC*:

[...] a palavra de Chiara precisava do “sim” ativo de Ginetta, para realizar concretamente o protótipo de “cidadezinha terrestre”: o Pólo Empresarial Spartaco. Como insigne co-fundadora, o seu “vazio” pleno de amor, soube acolher sem restrições a inspiração original e envolver inúmeras outras pessoas, sem desviar o olhar da meta, hoje coroa e glória de sua vida (GASPAR apud MARQUES; EGMAN, 2001, p. 52, Mimeo)

[...] Em cada etapa foi ela que nos impulsionou, em cada dificuldade foi ela que nos sustentou. Era sempre ela a bússola que nos guiava, a intérprete maior desta esplêndida proposta de Chiara (CAYUBI apud MARQUES; EGMAN, 2001, p. 51, Mimeo).

Ginetta acreditava que o *carisma* que atribuía a Chiara era uma compreensão da realidade que possuía em si o poder de transformar o mundo porque capaz de transformar os indivíduos a partir de dentro, ou seja capaz de conferir às suas vidas um sentido novo e portanto motivações novas para o seu agir, baseadas no amor ensinado por Jesus. Era essa certeza que fazia o papel de bússola reorientando continuamente as ações de Ginetta segundo uma ética muito próxima àquela que Weber denominava *ética de convicção*.

Nas palavras dos empresários citadas acima percebemos algumas notas que parecem revelar, de certa forma, uma atribuição de qualidades de liderança carismática em uma Ginetta que consegue conquistar as mentes deles para as suas convicções. Mas ao mesmo tempo, é a mesma Ginetta que faz com que esses empresários se tornem responsáveis pelas suas escolhas e se transformem livremente em sujeitos na elaboração de um novo agir econômico, que os impulsiona a serem protagonistas na construção da própria história e na transformação do social. Isso nos sugere que nos encontramos não diante de um tipo puro de liderança carismática como o previsto por Weber, mas de uma forma nova de liderança.

Esse novo tipo de liderança carismática ultrapassa os horizontes históricos conhecidos por ele ou, pelo menos, não encontra referências em seus trabalhos, mas sem dúvida são as conclusões do próprio Weber que nos oferecem as pistas para uma tentativa

de compreensão. De fato, Weber nos adverte que os tipos puros ideais, na verdade, não são tipos históricos concretos mas simplesmente abstrações teóricas, radicalizadas, que se encontram misturadas e combinadas, desenhando o perfil de uma realidade que se manifesta, assim, como uma significativa síntese. Ainda alguns depoimentos a título de ilustração:

Ginetta me tocou particularmente no aspecto social, quando colocou em prática por primeiro a Economia de Comunhão. E começou a chamar todos nós, quem encontrava, para dar esse passo. Eu me lembro que, depois de um Congresso sobre a *EdC*, em 1998, nos encontramos com ela e me veio uma inspiração muito grande: abrir uma empresa no Pólo Spartaco, porque o Pólo era um “farol” de desenvolvimento para a *EdC*. Em particular me tocaram as palavras de Ginetta: “Os pobres não podem esperar, a *EdC* precisa gerar empregos, precisa transformar o coração dos homens e ao mesmo tempo gerar lucros para serem distribuídos aos pobres”. [...] O que fica muito evidente é que ela está chamando cada um de nós, daqui para frente, a levar adiante este projeto, como se ela estivesse passando a bandeira e chamando cada um dos empresários, cada uma dessas pessoas envolvidas com este projeto, a partir de agora, a levá-lo adiante. E eu, por primeiro, diante dela, dou este “sim” e convido todos vocês a fazerem o mesmo (NETO apud MARIÁPOLIS, 2001, p. 35-36).

Quando a *EdC* surgiu, eu trazia comigo uma bagagem de 15 anos de experiência no mercado financeiro. Através de Ginetta aprendi que a fé é mais competente que o nosso raciocínio lógico e objetivo. Nestes dez anos que estivemos ao seu lado levando em frente as empresas, vivi muitos momentos de suspensão. Numa dessas ocasiões ela me disse: “Viver é um risco”, para concretizar as obras de Deus é preciso coragem e ousadia”. Ginetta era uma personalidade marcante pela sua capacidade e entusiasmo, pelo amor a Deus e às pessoas, mas sobretudo pela sua fé inabalável (FIORELLI, Brochure, 2001, p. 52).

4. Economia carismática, racional em relação a fins ou em relação a valores?

Falando da situação carismática Weber coloca algumas características que constituem o tipo ideal da relação entre carisma e economia. Algumas dessas características percebemos estar presentes no projeto da *EdC*, a começar pelo simples fato que se trata de

um agir econômico não puramente orientado racionalmente com relação a fins mas orientado por aqueles valores acenados acima, gerados internamente na própria história do Movimento dos Focolares. Além do mais, a própria busca racional do lucro, que também está presente, não tem como finalidade o acúmulo capitalista mas a sua redistribuição no tecido social.

A esse propósito, Weber (1999c, p. 249) observa que o carisma se rotiniza à medida em que deve prover o sustento para os seus aderentes. O nascimento da *EdC*, que se deu com esse objetivo, parece obedecer a uma ordem inversa, ao surgir como uma nova irrupção com traços carismáticos, dentro do Movimento dos Focolares, já estruturado e distante do seu estado nascente inicial.

Em termos weberianos, diríamos que a *EdC* é um *agir econômico* que surge a partir de um *agir orientado economicamente*, típico dos membros do Movimento entre os quais a comunhão de bens sempre marcou suas ações orientadas pelo valor da fraternidade.

Cabe salientar também que se trata de uma economia revestida de certos traços de extracotidianidade. Chiara (LUBICH apud VANDELEENE, 2003h, p. 351, 352 e 353), descreve os traços da *EdC* enquanto um projeto que “é uma obra de Deus e não uma economia humana”, pois para isso “recebemos indicações do alto”. “Portanto “é para a glória de Deus”, destinado a fazer “reviver a vida dos primeiros cristãos”.

No polo oposto da promessa de Adam Smith sobre a *mão invisível* do mercado que teria surgido da união dos interesses individuais, encontramos, neste novo modo de agir econômico orientado pela idéia de comunhão, constituído pela *EdC*, a observação de Chiara (LUBICH apud VANDELEENE, 2003, p.351) a respeito da intervenção de um *sócio invisível* - Deus -, que com a sua providência chega no momento certo “com um intróito inesperado”, “uma oportunidade imprevista”, “a oferta de uma nova colaboração”, “a idéia de um novo produto de sucesso...”. É uma observação que, na verdade, expressa uma constatação feita num contexto de atuação do projeto, por parte de muitos empresários da *EdC* que narram episódios inesperados, fora do ordinário, cuja leitura é feita por eles nos termos citados por Chiara²⁴.

Durante a cerimônia de outorga do título de cidadã honorária da cidade de Florença, em 16 de setembro de 2000, a Chiara, Romano Prodi acenou à ‘virtude da ingenuidade’ e

²⁴ Cf. para esses relatos-depoimentos o volume ECONOMIA DE COMUNHÃO, 2000, p. 125-154.

da sua importância na obra de recomposição de uma história fragmentada como é a da Europa atual e na ruptura com o século das guerras. E ingenuidade entendida como “capacidade de não vir a comprometer-se e, sobretudo, como ausência de segundas intenções; como a capacidade de chegar ao fundo do problema sem ter medo de ser mal entendido ou julgado ingênuo”. E - no parecer dele - Chiara é portadora dessa virtude.

O carismático, para Weber (1999c, p. 240), emerge como alguém especificamente revolucionário, rompendo com um *status quo*, com o óbvio da cotidianidade, com o costumeiro, com o tradicional, em força de sua pura autoridade moral atribuída-lhe pelos seus seguidores. E é justamente nessa força de ruptura com o passado, em prol do “nunca visto antes”, que o carisma é, de fato, o poder revolucionário especificamente “criador” da história” (1999a, p. 328).

Se o projeto da *EdC* ‘decola’ e não permanece somente no estágio de uma boa idéia é porque os membros do Movimento acreditaram na força do *carisma* que atribuem a Chiara como portadora de uma mensagem que pode transformar a sociedade porque o constatarem em nível de sua própria micro história e em nível de realizações coletivas das quais já tinham sido protagonistas ou testemunhas²⁵.

De fato, Weber (1999a, p. 327) releva o fato que “a fé [no carisma] revoluciona os homens ‘de dentro para fora’ e procura transformar as coisas e as ordens segundo seu querer revolucionário”. Ele afirma ainda que o poder revolucionário do carisma age a partir de uma *metanoia* central do modo de pensar daqueles que acreditam no carisma (WEBER, 1999a, p. 328).

Essa constatação de Weber encontra uma base empírico-conceitual na necessidade de *homens novos*, como vimos mais acima na citação de Chiara, ou seja imbuídos pela cultura evangélica da partilha, como condição para a viabilidade do projeto.

Chiara não é economista e no entanto fornece orientações para um agir econômico. E essas orientações contêm um misto de racionalidade com relação a fins e com relação a valores (BRUNI, 2000, p. 46)²⁶.

²⁵ Cf. item 2.3. do III Capítulo para o que se refere aos Projetos sociais que surgiram da ação dos membros do Movimento, em particular no Brasil.

²⁶ este cientista observa que “nenhum economista jamais pensou que o único motivo que realmente move empresários e consumidores seja o ganho monetário; mas, ao tentarem escrever uma teoria econômica simplesmente ignoraram no mundo econômico a variedade de motivos e valores presentes nos comportamentos econômicos”. Sublinhamos este pensamento lembrando que para Weber as ações racionais com relação a fins é um tipo ideal e, portanto, não existe na realidade no seu estado puro mas sempre coexistindo com outros tipos de ação no agir concreto dos indivíduos.

A racionalidade com relação a fins está presente na descrição dos próprios requisitos que devem caracterizar os empresários da *EdC*, pois, segundo as próprias palavras de Chiara, citadas acima “a gestão dessas empresas ficaria a cargo de pessoas competentes, capazes de fazê-las funcionar com a máxima eficiência e lucratividade” (LUBICH, 1991V).

5. O projeto *EdC*: um ‘novo começo’

Se, no II Capítulo do nosso trabalho, tentando descrever e analisar a gênese do Movimento dos Focolares sob o enfoque da teoria do carisma de Weber, nos deparamos com o esquema previsto por ele de uma certa rotinização do carisma inicial em favor de uma transformação – pelo menos em parte – em situação burocrática, de organização e planejamento, podemos no entanto constatar também quanto afirma Séguy (1973-1974, Mimeo) sobre esse processo. No pensamento desse autor, mesmo se um grupo voluntário²⁷ com o tempo adquire traços de diferentes configurações, ele será sempre melhor descrito a partir dos traços da forma inicial (SEGUY, 1973-1974, p. 23, Mimeo)²⁸. Por isso Weber elabora as suas conclusões a partir do estudo do Judaísmo do Protestantismo, do Islamismo e de outras religiões, no seu estágio inicial.

Considerando, então, esses dois polos: 1) o que Weber (1999c, p. 251) releva, tratando da relação entre carisma e economia, sobre a possibilidade de que a rotinização do carisma exerça uma reação sobre a economia quotidiana, e 2) a conclusão do parágrafo anterior, pode-se compreender melhor a conexão entre *EdC* e Movimento dos Focolares. Além do mais Weber também considera casos em que “a economia não é de modo algum alheia ao carisma” (1999a, p. 329), até mesmo no que se refere particularmente à economia capitalista (1999a, p. 329)²⁹.

Portanto, acreditamos não estar fugindo da ótica weberiana quando, falando de *EdC*, colocamos em relação carisma, modernidade e economia capitalista. O que nos parece

²⁷ No item 1. do II Capítulo definimos o Movimento dos Focolares com essas características.

²⁸ O autor afirma que “tant qu’un groupement volontaire demeure porteur des traits le caractérisant comme tel, et quel que soit l’équilibre des traits d’autres types s’y ajoutant, on reste, selon nous dans le type de départ”. Na nota 86, o autor explicita mais ainda o seu pensamento com o exemplo de uma ordem religiosa a qual mesmo se absorvida pela Igreja, será sempre melhor descrita a partir da categoria de seita, como normalmente é na sua fase inicial.

poder afirmar é que as condições do surgimento do projeto *EdC* e da sua realização, constitua uma síntese entre elementos muito próximos de uma economia carismática extracotidiana e que se apoia em valores éticos, e elementos de economia racional com relação a fins, que leva em conta os princípios modernos do liberalismo (com a valorização da propriedade privada e da liberdade de iniciativa) e da produção capitalista.

A conferir plausibilidade ao nosso pensamento, parece-nos estar as conclusões de Séguy (1992, p. 48) em um estudo sobre os Institutos religiosos contemporâneos. Ele afirma que das observações feitas na sua pesquisa, resulta que “o carisma não é tão alheio assim à economia – mesmo a quotidiana - , como seríamos levados a crer. Somente em um nível a-histórico do conceito é que o carisma se mostra ‘especificamente alheio à economia’”. Mas podemos nos remeter também ao pensamento do próprio Weber quando sabemos que ele, ao falar de autoridade carismática, tradicional e burocrática, raciocina em termos de tipos ideais e que, para ele, a realidade histórica é sempre uma combinação criativa dessas tipologias.

Baseando-nos também nos conceitos dicotômicos suplementares, criados por Seguy (1973-1974, p. 26, Mimeo), de *movimento* e *sistema*, com fronteiras menos rígidas, segundo o autor, do que *carisma* e *instituição*, parece-nos mais fácil também explicar a possibilidade de que o Movimento dos Focolares, mesmo em tempos já distantes do *estado nascente* inicial, ainda provoque – no caso, com o projeto *EdC* - novas situações comparáveis a um novo *estado nascente*.

Para esse autor,

“o domínio do movimento e o domínio do sistema não correspondem [exatamente] àqueles do carisma e da institucionalização. Ou melhor, [...] esta dicotomia suplementar quer exprimir o acavalamento dos dois domínios do menos e do mais imperativamente coordenado, da graça carismática e da graça institucional, da autoridade e do poder psicológico, etc., enquanto os primeiros [termos] mencionados querem se tornar, transformando-se, geneticamente constitutivos dos segundos. E ainda, segundo o nosso pensamento, o movimento contesta o sistema num primeiro momento; mas em uma etapa posterior o sistema se nutre do movimento assimilando-o. Se o movimento não se nega, de fato,

²⁹ Depois de aludir ao exemplo da caça com organização semelhante à da guerra, Weber cita o exemplo do capitalismo de saque de Henry Villard e o correspondente séquito econômico, para dar um golpe na bolsa e apropriar-se das ações da

sistematizando-se, ele espera, no entanto, - se supõe - subsistir no decorrer do processo” (SEGUY, 1973-1974, p. 26, Mimeo).

Analisando a gênese do projeto *EdC* e o seu primeiro desenvolvimento, notamos que é possível também nesse caso aplicarmos o esquema utilizado para a apresentação do Movimento dos Focolares no II Capítulo, inspirado na frase de Poulat: “Um *grito*, um *pensamento*, uma *estratégia*”.

Um grito: A primeira parte dos lucros partilhados tem como objetivo a solidariedade com as pessoas economicamente carentes. A situação social que se origina, com o lançamento do projeto, é de ‘efervescência’, de irrupção de algo novo que envolve os membros do Movimento individualmente e coletivamente, formando um campo de solidariedade intensa que os torna aptos a empreender ações sociais enfrentando riscos porque se sentem renovados interiormente, convocados para a realização de algo extremamente novo e revolucionário em relação à situação vigente da economia e mercado. Tudo isso leva a relacionar o surgimento do projeto da *EdC* com um novo estado nascente³⁰ na história do Movimento dos Focolares.

O próprio apelativo com o qual o acontecimento passou a ser conhecido no âmbito do Movimento – a ‘*bomba*’ -, mesmo se, para o senso comum evoca efeitos destruidores e maléficos, no nosso contexto é revelador de um caráter de novidade, de momento transformador, de algo inesperado que resignifica ações e projetos, que tende a se expandir em seus efeitos, enfim, que dá início a um “novo começo”.

E esse novo começo, talvez poderíamos dizer que tem como protagonistas não mais somente um líder carismático, mas uma base social que se torna protagonista em primeiro plano por dois motivos.

Primeiro, os empresários que aderem ao projeto, de fato, declaram fazê-lo por sentirem nisso “um chamado de Deus”. Serão eles que, pessoalmente assumirão os riscos dos próprios empreendimentos e experimentarão – segundo as palavras de Chiara – os efeitos benéficos da “providência” por parte do “sócio invisível” à medida em que agirem como “homens novos”, orientando suas ações segundo os valores da fraternidade e da

Northern Pacific Railroad.

³⁰ Cf. item 1. do II Capítulo sobre o início do Movimento dos Focolares visto como um ‘estado nascente’, conforme definição de Weber da fase inicial de uma situação carismática.

partilha. São eles ainda que continuarão a receber “do alto” indicações sobre como conduzir a própria empresa nos moldes da *EdC*.

E segundo motivo, o projeto *EdC*, tendo como “berço” a experiência de muitos anos de comunhão no interior do Movimento dos Focolares, é justamente de comunhão não apenas porque coloca em comum parte dos lucros com pessoas economicamente carentes, mas porque é um modo de fazer economia *em comunhão*, ou seja, constituindo entre os empresários ligados ao projeto, relações sociais de mútua ajuda, de mútuo incentivo, de partilha de know how, de experiências em todos os campos. Lorna Gold, escocesa, em conclusão de sua pesquisa sobre a *EdC*, vê justamente nessa rede mundial de comunhão criada pela *EdC*, mesmo entre desafios, a condição de possibilidade de que o projeto não sucumba mas se fortaleça (GOLD, 2000, p. 88-99).

Um pensamento: Podemos identificá-lo na progressiva teorização que o tema vem suscitando em vários níveis e em várias disciplinas. Objetivo do projeto é de fato, que os valores que o suscitaram se difundam e possa forjar um novo modo de se fazer e de se conceber a própria teoria econômica, no qual a esfera ética e a econômica sejam entendidas como distintas mas não separadas. As Escolas de *EdC* e Congressos estão se multiplicando em todos os países.

Uma estratégia: Para a plausibilidade do projeto são necessárias empresas rentáveis, daí a terceira parte dos lucros produzidos serem reinvestidos na própria empresa. Mas é estratégico, de modo essencial, a partilha da terceira parte dos lucros com a finalidade de sustentar e promover espaços culturais de sociabilidade onde seja possível afirmar e reafirmar os valores éticos, de modo a formar “homens novos”, ou seja pessoas que orientam suas ações sociais segundo os princípios da fraternidade e da solidariedade. No projeto, essa é uma condição imprescindível para a sua própria sustentabilidade, pois serão essas pessoas que estarão capacitadas a tecerem relações sociais em vários níveis e portanto a constituírem uma “sociedade nova”, marcada pela “cultura da partilha” e não do “acúmulo egoísta”.

A constituição dos *Pólos Empresariais* como extensão das Mariápolis, situam-se no nível de *grito* e de *estratégia*, enquanto conferindo visibilidade ao projeto (=grito) fomentam a credibilidade do mesmo (*estratégia*).

6. *Por que o besouro voa? A EdC em tempos de globalização: novo significado para a atividade econômica*

Como afirma Weber n'*A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, muitas vezes uma determinada prática social surge com um determinado objetivo e acaba, com o tempo, por superá-los, extrapolando o âmbito no qual nasceu. A *EdC* que nasceu com o objetivo de uma ajuda material imediata a pessoas membros do Movimento em situação de precariedade econômica, acabou por se tornar um projeto no qual muitos pesquisadores entrevêm algo de novo apontando a possibilidade de alternativas no atual contexto de neo-liberalismo.

Na verdade, a *EdC*, para que possa realmente representar uma alternativa viável, deverá responder ao sério desafio colocado por Weber expresso nos seguintes termos:

a objetivação da economia sobre a base da relação associativa no mercado obedece a suas próprias legalidades objetivas cuja não observância tem por consequência o fracasso econômico e, a longo prazo, a ruína. A relação associativa econômica racional significa sempre uma objetivação nesse sentido, e um cosmos de ações sociais objetivamente racionais não pode ser dominado mediante exigências caritativas a pessoas concretas. Sobretudo o cosmos objetivado do capitalismo não oferece lugar a tal idéia. Nele as exigências da caridade religiosa não apenas fracassam na obstinação e insuficiência das pessoas concretas, como ocorre por toda parte, mas perdem qualquer sentido (WEBER, 1964b, p. 458).

Para Weber, não há espaço para valores como fraternidade, dentro das relações associativas de mercado, e isso também devido ao caráter impessoal que essas mesmas relações passam a ter nesse âmbito. Desse modo, ele afirma que:

toda relação puramente pessoal entre os homens, qualquer que seja sua natureza, mesmo a escravidão mais absoluta, pode ser regulada eticamente, ela admite postulados éticos, pois sua forma depende da vontade individual dos envolvidos, dando, portanto, margem ao desdobramento de virtudes caritativas. Mas não é assim com as relações racionais de negócio [...] (WEBER, 1964b, p. 458).

Vejamos alguns elementos que, integrando a proposta da A *EdC*, pretendem apontar para novas direções. No entanto, é preciso lembrar que o projeto se apresenta ainda como uma experiência de laboratório. De qualquer forma ele é um indicador da influência dos valores éticos e religiosos na elaboração cultural dos grupos, com conseqüências sociais significativas. A introdução do valor da fraternidade nas relações empresário- cliente-fornecedor-empregados passa pela concepção do amor conforme a interpretação de Chiara, ou seja, não de sentimento relacionado somente com a dimensão afetiva mas com a dimensão volitiva. Desse modo, amar significa “não fazer ao outro o que não se gostaria que fizessem a nós”. Acreditamos que essa seja a condição para se “personalizar” as relações associativas em geral e, de mercado, em particular, transformando, assim, a fraternidade em categoria econômica.

A *EdC* inverte as relações econômicas de competição pelo lucro a qualquer custo, orientando as ações pelos valores da comunhão. E isso é uma outra conseqüência da rede mundial de solidariedade, gerada pelo projeto entre os empresários de todos os países onde o projeto está presente. Durante a Primeira Escola internacional para os empresários da *EdC*, em Roma, Chiara anunciou a necessidade de que se iniciassem os trabalhos para a implantação do Pólo *Lionello* - nas imediações da Mariápolis *Renata*³¹ em Incisa Valdarno (Florença – Itália) - ,os empresários brasileiros ali reunidos decidiram em conjunto oferecer o que se tornou o primeiro ‘tijolo’, ou seja a primeira contribuição financeira para esse projeto. Esse fato particular de inversão de posição entre países do primeiro mundo e países emergentes, mesmo se situado no plano do simbólico, indica que a *EdC* promove uma resignificação das relações entre os países pois faz com que aqueles que se encontram em situação econômica precária também se sintam protagonistas, sujeitos construtores de comunhão e não simples objetos de ajuda assistencialista por parte dos países ricos.

A prática econômica da *EdC* se distancia dos modelos tradicionais de atividades assistenciais porque nela os ‘necessitados’ não se situam numa posição exterior ao projeto mas fazem parte dele enquanto, numa perspectiva de comunhão que orienta a *EdC*, todos partilham alguma coisa, e no caso deles é a necessidade que é partilhada até num sentido

³¹ Essa Mariápolis, já acenada no item 3.3.1. do II Capítulo, foi a primeira à qual o Movimento deu vida em 1967 e atualmente é também a mais numerosa (cerca de 700 habitantes), sediando escolas internacionais permanentes para os vários setores do Movimento.

concreto, ou seja, de ser comunicada no interior do campo das relações sociais originadas pelo projeto. Em outras palavras, os beneficiados pelo projeto e os empresários, se conhecem mutuamente pois constituem a comunidade do Movimento.

Em junho de 2003, durante um Congresso Internacional de empresários e agentes da *EdC*, realizado na Mariápolis Ginetta, Luigino Bruni, professor e pesquisador nessa área, afirmou que o objetivo da *EdC* não se limita a realizar o ditado: “não dar o peixe mas ensinar a pescar”. Na *EdC*, segundo a leitura de Bruni³², existe um diferencial ligado ao fato de ser Economia *de comunhão*; no caso – diz ele – pesca-se e come-se, todos juntos. E acrescenta que a *EdC* reverte também a noção de *pobreza*: essa, deve ser vista como qualidade de todos os sujeitos envolvidos no projeto, empresários e beneficiados, porque indica uma virtude cristã, segundo a qual tudo o que se possui é entendido não só como propriedade pessoal, mas também como algo que deve ser colocado ao serviço de todos.

Em uma análise do projeto a partir da ótica econômica – cujo aprofundamento foge aos propósitos dessa pesquisa – emergem alguns elementos que, no contexto de uma economia de mercado que também caracteriza as empresas da *EdC*, levam à conclusão que esta tem chances de se afirmar mesmo se, paradoxalmente, a maximização dos lucros não é o fim principal para o qual ela está orientada.

O economista italiano Zamagni (apud FARO, 2001, p. 21), fazendo uma analogia, compara a prática econômica da *EdC* com o besouro. Segundo as leis da Física esse inseto não deveria voar já que as dimensões do corpo superam em muito as dimensões das asas. E no entanto o besouro voa! Frente as leis que regulam a economia de mercado, as empresas da *EdC* deveriam sucumbir. Ao invés, mesmo se algumas iniciativas empresariais dentro da proposta não vingam, o projeto avança. E - conclui – devemos seriamente questionar sobre a validade dessas leis econômicas vigentes, ou pelo menos sobre a sua universalidade. Segundo ele, o erro da teoria econômica dominante é o reducionismo de pensar que o único objetivo de uma empresa seja a busca do lucro (ZAMAGNI apud FARO, 2001, p. 21).

Na análise de alguns economistas que se interessaram pelo estudo do projeto *EdC*³³, o fato de ser um agir econômico pautado por valores éticos e pela comunhão, faz com que

³² Dados coligidos da palestra de Luigino Bruni durante o Congresso Internacional de agentes e empresários da *EdC* realizado na Mariápolis Ginetta, de 7 a 9 jun. 2003.

³³ Cf. ECONOMIA DE COMUNHÃO, 2000, op. cit.; ECONOMIA DE COMUNHÃO, 1995-, op. cit.; BRUNI (org.). 2002, op. cit.

naturalmente alguns custos previstos no orçamento de empresas ‘normais’ orientadas puramente segundo uma racionalidade com relação a fins, sejam economizados no caso de empresas da *EdC*. Tais custos, podem ser por exemplo aqueles de transação, de monitoração e de confiança.

Além do mais – sempre segundo esses autores - a *EdC* promove uma humanização da economia fazendo com que esta seja novamente orientada para a realização de outros interesses do indivíduo que não sejam somente o interesse rentável, mas também interesses que dizem respeito à esfera do sentido a ser atribuído à sua atividade de trabalho, ao seu estar junto na empresa com outros indivíduos, e outros.

Outro aspecto do projeto que suscita também, ao nosso ver, um interesse sociológico, é que no Brasil as primeiras adesões imediatas a ele com a conseqüente constituição de empresas nesses moldes, foram de mulheres³⁴. Isso indica o quanto certos valores, tidos por Weber (1964b, p. 392) como virtudes “não militares”, ou “antimilitares” e tipicamente femininos, tais como justiça social, fraternidade, solidariedade - - suscitados por uma experiência de sentido e vinculados a ela, têm a capacidade de orientar a ação de indivíduos e até de alterar os papéis dos gêneros no espaço público.

Machado fala dessa alteração no campo privado, e em termos de pertença religiosa, mas o mesmo raciocínio acreditamos que possa ser aplicado ao nosso caso, na direção inversa:

no sistema de gênero predominante na cultura brasileira, a esfera doméstica e a maioria das atividades ali desenvolvidas estão associadas ao feminino, enquanto o mundo público está mais estreitamente vinculado ao masculino, sobretudo no âmbito da economia e da política. Assim, examinar a participação masculina nos trabalhos domésticos é uma outra forma de avaliar a capacidade da filiação religiosa de alterar os papéis dos gêneros no espaço privado (MACHADO, 1996, p. 136).

O projeto da *EdC* articula as relações entre as classes sociais, de modo diferente da normal situação neoliberal, enquanto a classe empresarial age tendo em vista a diminuição

³⁴ As primeiras empresas ligadas ao Projeto *EdC*, no Brasil foram: a *La Tunica confecções*, a *Escola Aurora* e a *Policlínica Ágape*, todas de iniciativa feminina. Mas também no período seguinte à fundação, outras empresas coligadas ao Projeto, têm figuras femininas à sua direção (*Eco-Ar*, instalada no Pólo *Spartaco*, *Comunione*, escritório de contabilidade, em Vargem Grande).

da distância social e econômica das classes menos favorecidas, orientada pelo valor da comunhão.

Na leitura da Deputada Luiza Erundina, a viabilidade do projeto *EdC* em escala macro dependerá também da política econômica. É por isso que ela vê a importância de desenvolver paralelamente ao projeto *EdC* também o Movimento Político pela Unidade. Nas suas palavras, durante a entrevista que nos concedeu:

Em termos de escala, não se pode dizer que a Economia de Comunhão já seja uma alternativa, num mundo dominado pela lógica do mercado. Entretanto, embora ainda numa escala micro, demonstra sua viabilidade. Então, ao invés de ser a lógica do mercado, a competição e o lucro que caracterizam a economia neoliberal que domina a realidade econômica do mundo, a *EdC* se baseia no princípio da solidariedade que se materializa na partilha dos lucros e da riqueza produzida por todos que compõem a comunidade de trabalho na empresa. É uma proposta, não só inovadora, mas também revolucionária e que poderá transformar a economia mundial quando for adotada pelos Estados como política de governo. Portanto, as experiências da *EdC* no Brasil e no mundo já se comprovaram viáveis em escala micro, podendo, no futuro, ser viabilizada em escala macro. E aqui entra o fator político como determinante das decisões de governo sobre política econômica. Além disso, inclui-se também a mudança de valores e de comportamento dos agentes econômicos, o que implicará profunda transformação cultural em termos das relações entre o patrão e o empregado; os trabalhadores entre si; a empresa, o mercado e a comunidade local. Outra expressão do Movimento dos Focolares é o Movimento Político pela Unidade que, por sua vez, criará condições políticas para viabilizar em escala macro a *EdC*.

7. A *EdC* como instrumento de projeção internacional do Brasil

Em vista do Encontro do G8 em Gênova, em 2001, havia sido preparado um Documento através do qual seriam apresentados e propostos àquele Vértice, os objetivos de comunhão da *EdC* em nível mundial, “traduzidos” para as categorias econômicas hoje vigentes no mercado internacional. Os acontecimentos trágicos que acompanharam a reunião do G8 impediram essa apresentação já que o Vértice teve de ser interrompido, mas o assunto tinha entrado na pauta.

A confirmar que através do desenvolvimento da *EdC* e, de modo particular, com a implantação do Pólo Empresarial *Spartaco*, é conferida uma nova inflexão ao Movimento como um todo, deslocando para cá o ponto geográfico de referência para os futuros desdobramentos da *EdC* alhures. E Chiara mesma havia previsto que a Mariápolis Ginetta teria se constituído, no futuro, num foco de atenção para o mundo, devido à presença do Polo empresarial como extensão da mesma..

De julho 2002 a julho de 2003 passaram pela Mariápolis Ginetta e pelo Pólo Spártaco, 35 estudantes universitários (brasileiros e do exterior), interessados na coleta de dados históricos e censitários das empresas ligadas à *EdC* para o desenvolvimento de pesquisas em vários níveis. Existe um acompanhamento sistemático com esses estudantes e um contato regular com 16 universidades federais que já requisitaram palestras sobre o tema ou vieram visitar a Mariápolis e o Pólo Spartaco na pessoas de professores e inteiras classes.

Dando impulso à construção do já mencionado Pólo *Lionello*³⁵, Chiara citou mais do que uma vez o Pólo Empresarial *Spartaco* como modelo estrutural que orientará a implantação daquele.

A Mariápolis Ginetta tem atraído estudantes e pesquisadores de vários países interessados no conhecimento e estudo do projeto *EdC*.

Lembramos também os já numerosos Congressos realizados sobre a *EdC* em vários países, além dos trabalhos acadêmicos que se debruçam sobre o tema.

Recentemente, durante um Congresso de empresários e agentes de *EdC* na Mariápolis Ginetta, o Professor Luigino Bruni, pesquisador de Economia de Comunhão sublinhou a importância internacional da Mariápolis Ginetta como solo genético da *EdC* fazendo uso da analogia com o Movimento franciscano: assim como para entender profundamente o franciscanismo é preciso ir até Assis, para entender a *EdC* é preciso conhecer a Mariápolis Ginetta com o seu Pólo Spartaco.

³⁵ Esse Pólo, com projeto em fase final para a instalação de 20 empresas, situa-se nas imediações da Mariápolis Renata, em Loppiano (Florença).